

Ernesto de Fiori

Tensão e Harmonia

Curadoria Denise Mattar

10 de agosto
a 30 de setembro de 2016

Patrocínio

minalpa


Almeida e Dale

ERNESTO DE FIORI

TENSÃO E HARMONIA

Em música, diz-se que a harmonia é o resultado da resolução de tensões. As cordas vibram de acordo com a pressão nelas aplicada, o som dos sopros vem do atrito com o ar, o impacto produz a percussão, e é do encadeamento dessas tensões que surge a beleza.

Essa referência musical me remeteu imediatamente a Ernesto de Fiori, um artista singular que a guerra na Europa trouxe para o Brasil. A tensão é o cerne de seu trabalho, é a força que o impulsiona, e está presente tanto nas suas escolhas técnicas, como a modelagem ágil e a pintura quase-cinema, quanto na sua realização, sempre vibrátil, nervosa e inquieta – quase insatisfeita – porém harmônica.

Na exposição, agora apresentada na Galeria Almeida e Dale, essa percepção da curadoria sobre a obra de De Fiori é evidenciada pela experiência de ver o artista modelar uma escultura. Sério, quase sisudo, ele prepara a “alma” da peça, cobre-a com argila e com dedos precisos faz surgir uma mulher. Suas mãos não deslizam sobre a matéria suavemente, ele trabalha com toques rápidos, pressões curtas e energéticas, mas plenas de tensa sensualidade. Realizado em 1926, por Hans Cürlis, o filme *Schaffende Hände* [Mãos Criadoras], apresentado na exposição, tem o acelerado típico das filmagens da época, porém, independente disso, evidencia o processo desassossegado do artista.

De Fiori, que escrevia muito bem e publicava regularmente artigos sobre arte na imprensa italiana, alemã e posteriormente brasileira, assim descrevia esse momento intenso da modelagem, na qual qualquer gesto pode criar (ou destruir) a escultura. O trecho faz parte do artigo, escrito em 1919 e publicado em Zurique com o título “Wie eine Statue entsteht” [Como se ergue uma estátua]

[O artista vê] a pessoa de argila como forma grosseira e principia a trabalhá-la: aqui começa a arte, o sopro divino que dá vida à forma morta. A partir de agora o escultor esquenta: ele aperta, ele diseca, ele abaúla, ele gira - e, agora, vagorosamente ou de súbito, surge, a visão de uma forma especial, talvez de uma maneira inteiramente casual, por exemplo, com um toque involuntário do dedo no nariz: de repente o nariz tem uma expressão própria, arrebatadora. O artista se espanta e, subitamente, como que saído desse nariz, diante de seu espírito está o homem inteiro.

Nascido em Roma, mas descendente de austríacos, De Fiori tinha um sobrenome italiano herdado do pai, era naturalizado alemão, falava e escrevia em várias línguas e circulava livremente entre Paris, Zurique e Munique. Invulgarmente belo, o artista era um “irremediável sedutor”, nas palavras do amigo Gabrielle Mucchi. Foi casado três vezes, teve muitas amantes, entre elas, diz a lenda, a atriz Marlene Dietrich, da qual modelou dois bustos, hoje em museus alemães.

Com a eclosão da Primeira Guerra (1914-1918), o artista alistou-se no Exército alemão atuando como correspondente para um jornal italiano. O horror da Guerra o repugnou e, antes do final do conflito, ele deixou a função mudando-se para Zurique, onde voltou a dedicar-se à arte.

Polemista e combativo, entre 1918 e 1919, ele discutia na imprensa com o grupo dadaísta acerca do conceito do movimento, que propunha um rompimento com tudo que, até então, fora feito. Para De Fiori era impossível fazer uma arte desvinculada do passado.

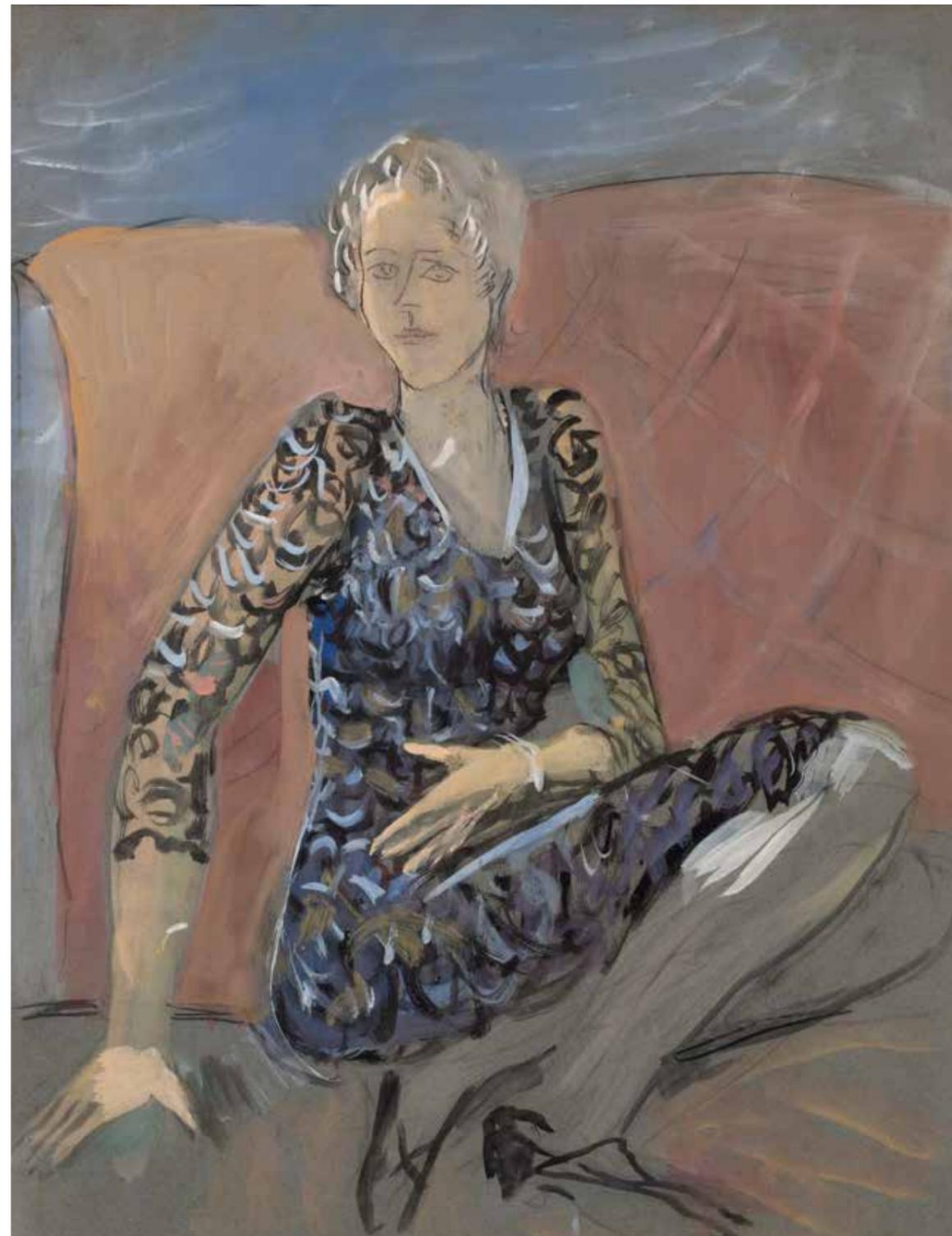


Figura de mulher, s/d • guache e crayon sobre papel • 62 x 48,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Frames do filme
Schaffende Hände
(Mãos criadoras),
1926/7.
Direção Hans Cürlliss

Ao longo das décadas de 1920 e 1930, De Fiori se estabeleceu no mercado europeu, principalmente com suas esculturas, adquirindo prestígio artístico e intelectual. Seu galerista, Alfred Flechtheim, é um dos mais importantes marchands do período e o artista participa das grandes mostras da época.

A consolidação do nazismo, em 1933, foi um golpe na vida e na trajetória de De Fiori. Sem condições de habitar uma Alemanha dominada por um dos mais violentos e soturnos estados totalitários que o mundo conheceu, ele mudou-se para o Brasil em 1936 – onde já residiam sua mãe e seu irmão – e instalou-se em São Paulo.

A capital paulista vivia um período de interregno entre os “loucos” anos 1920, que haviam ficado para trás e a retomada artística que só ocorreria no final dos anos 1940 com a criação dos museus de arte moderna. Ao chegar, De Fiori passou a colaborar para os jornais das colônias alemã e italiana, para *O Estado de S. Paulo* e a modelar algumas figuras da sociedade paulistana, como o poeta Menotti del Picchia (1892-1988) e o conde Francisco Matarazzo.

Apesar de nunca ter-se integrado de fato ao nosso país, onde viveu um período internamente conflituoso, o artista vivenciou importantes transformações em sua obra ao longo dos nove anos em que esteve aqui. Sua presença em São Paulo ajudou a abrir novos horizontes no ambiente artístico da cidade e deixou traços na produção de alguns artistas como Mario Zanini, Joaquim Figueira e Alfredo Volpi.

Em 1938, De Fiori foi apresentado ao Ministro da Educação e Saúde, Gustavo Capanema, que o convidou a criar uma série de esculturas para o edifício em construção do Ministério da Educação e Saúde (MES). O artista foi para o Rio, elaborou um cuidadoso projeto e muitas maquetes. Suas obras, entretanto, não foram aceitas, o que foi um duro golpe para ele.

Nesses anos brasileiros, que ele pretendia fossem passageiros, observa-se, entre 1936 e 1939, o domínio da produção escultórica, enquanto que de 1940 a 1945 há uma ascensão da pintura em sua obra. A crítica paulistana, entretanto, não recebeu bem a produção pictórica do artista, talvez por sua força e qualidade inovadoras, muito distante do que era entendido no período como boa pintura. Caracterizadas pelo uso de pinceladas rápidas, realizadas com a tinta diluída e o eventual uso de raspagens, as pinturas de De Fiori parecem feitas de um só fôlego; transparecem uma urgência inquietante e comovente, que levou Mário de Andrade a dizer que elas pareciam pinturas-desenhos. O crítico é um dos poucos a escrever sobre esses trabalhos, assumindo, entretanto, certa dificuldade em enquadrá-lo:

(...) De uns tempos para cá, Ernesto de Fiori vem se dedicando especialmente à pintura. À pintura ou ao desenho? A pergunta não é de todo ociosa, embora seja um bocado pedante em seu preciosismo. Mas decidir este problema creio que importa muito para que possamos compreender e estimar em toda sua vitalidade a obra sobre plano do ilustre escultor.

É incontestável que Ernesto de Fiori nos apresenta em sua exposição algumas obras de pintura, e de boa pintura (...). E é mesmo interessantíssimo observar que toda esta firmeza de composição não impediu a espontaneidade de fatura, livre, feliz, franca sem nenhum truque ou fácil virtuosismo.

Para falar a verdade não sou exatamente contra os virtuosismos nem contrário a truques como a raspagem quando postos a serviço de uma expressão. Ernesto de Fiori, na sua maneira de obter a matéria do óleo, não revela a sua personalidade de escultor. E isto me parece um forte elogio, pois reconheço que ele está realmente fazendo uma pintura de pintor e não pintura de escultor – o que é muito comum. Em vez da matéria ossuda dos seus bronzes, o seu óleo é uma carne voluptuosa, gorda, cheia, em que a gente percebe o pincel afogado na tinta bastante liquefeita, colorindo largas manchas, que o raspado muitas vezes entremostra camadas superpostas, obtendo efeitos ricos e inesperados que o pintor deixa ficar sabiamente. E tanto pelo processo da raspagem como por outros, de acabamento, com pincel mais seco e provido de óleo menos liquefeito, o artista obtém efeitos de vibração e uma multiplicidade finíssima de entretons.

Nesta vibratibilidade luminosa e no jeito de pincelar, vivaz, nervoso, é que talvez se poderá sentir a técnica do escultor modelando as matérias mais ásperas do barro e buscando as qualidades do metal fundido. Mas sempre é certo que o vigor da pincelada e mesmo uma tal ou qual aspereza são características também inerentes à pintura. E com os seus processos, Ernesto de Fiori conseguiu dar a impressão de uma pintura ardente, de uma pintura rápida, de um jato só, uma Blitzpintura (desculpem!) aparente, que não impede a reflexão, mas é decidida e conserva o movimento, o ímpeto e o frescor do improviso. (...) (Diários Associados, 2 de Abril de 1941)

Mário é quase único na sua análise sobre a pintura de De Fiori escrita a propósito da mostra individual realizada em 1941 na Galeria Casa e Jardim. As demais críticas dão relevo à escultura e principalmente aos bustos de personalidades brasileiras, nas quais o que é destacado é a semelhança com o modelo retratado.

A partir desse período De Fiori intensifica sua participação em regatas conquistando uma série de medalhas e honrarias para o Yatch Club de São Paulo. Dedicado aos esportes desde a infância, De Fiori era considerado um exímio velejador que muito contribuiu para ajudar a promover e

ERNESTO DE FIORI

TENSÃO E HARMONIA

elevar o iatismo brasileiro a uma categoria mais profissional. Essa escolha se refletiu na pintura de muitas telas sobre as regatas na represa de Santo Amaro.

De Fiori faleceu no dia 24 de abril de 1945, sem ver a morte de Hitler e a queda do nazifascismo, mas, sobretudo, sem poder voltar à Alemanha, país onde se naturalizou e que nunca quis deixar.

O reconhecimento da obra de Ernesto de Fiori só aconteceu depois de sua morte, que, ao longo dos anos, foi sendo avaliada em textos críticos de Sergio Milliet, Lourival Gomes Machado, Luís Martins, Quirino da Silva, Pietro Maria Bardi, Wolfgang Pfeiffer e Paulo Mendes de Almeida. Em 1975, por ocasião do 30º aniversário da morte do artista, o Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, realizou uma grande retrospectiva acompanhada de importante catálogo com texto de Walter Zanini.

Em 1992 o Georg-Kolbe-Museum, Berlim, Alemanha, realizou retrospectiva centrada na produção europeia do artista acompanhada de publicação organizada pela curadora Beatrice Vierneisel. Em 1997 a Pinacoteca do Estado de São Paulo realizou a exposição *Ernesto de Fiori Uma Retrospectiva*, com curadoria de Mayra Laudanna, acompanhada de seminal publicação com mesmo título. Em 2003 a estudiosa publicou o livro *Ernesto de Fiori* pela coleção *Artistas Brasileiros* da editora Edusp, no qual, a partir de minuciosa pesquisa, refez o trajeto do artista, desfazendo equívocos cultivados ao longo de anos.

Apesar da excelência dessas publicações a abrangência da obra de De Fiori continua limitada à admiração de críticos e colecionadores, sem alcançar o grande público, e praticamente restrita a São Paulo. No intuito de preencher essa lacuna a Galeria Almeida e Dale organiza agora a exposição *Ernesto de Fiori - Tensão e Harmonia*, com curadoria de Denise Mattar, acompanhada deste catálogo, mostra que será seguida por livro com texto crítico de Ivo Mesquita, em publicação da editora Capivara.

Ernesto de Fiori - Tensão e Harmonia reúne 20 esculturas, 32 óleos, 9 guaches e 11 desenhos e apresenta, majoritariamente, a produção brasileira do artista. Inicia-se com as esculturas que cobrem o período de 1929 a 1945 exibindo algumas obras realizadas ainda na Alemanha como *Adam*, *Jüngling* e *Barbara*, de 1929, esculturas produzidas no Brasil como *Homem Brasileiro*, *Maternidade* e *Mulher Reclinada*, 1938, criadas para o Ministério da Educação e Saúde (MES), e ainda bustos como os de *Greta Garbo*, do sobrinho *Christian Heins* e seu *Autorretrato*, 1945.

Os óleos, guaches e aquarelas foram organizados em três conjuntos: as Paisagens, nas quais De Fiori retrata suas impressões da periferia, da ainda acanhada cidade de São Paulo, e das regatas na represa de Santo Amaro, onde velejava. *São Jorge e o Dragão* apresenta alegorias da luta entre o bem e o mal, numa referência à Guerra na Europa, e Galas nas quais o artista retrata indivíduos isolados ou grupos, geralmente participando de acontecimentos em sociedade. Sua pintura nervosa e vibrátil registra movimentos e tensões subjacentes a essas cenas, aparentemente mundanas, com um resultado de surpreendente contemporaneidade.

Na mostra há ainda um conjunto de desenhos que explicita o seu processo de criação e alguns trabalhos caricaturando Hitler e o nazismo. De Fiori só conseguiu opor-se abertamente ao regime de Hitler em 1942, quando o Brasil entrou na Guerra, ao lado dos Aliados. Na ocasião ele publicou artigos em oposição ao nazifascismo no jornal *O Estado de S. Paulo*, dos quais o mais conhecido é o "Parademarsch" e pintou a tela que, equivocadamente, ficou conhecida como *Saudação a Hitler*, na qual expressa a sua aversão à Alemanha Hitlerista evocando o anjo da morte que paira sobre a cena.

A exposição permite traçar uma linha comparativa entre a produção escultórica europeia e brasileira de De Fiori, evidenciando que em nosso país sua escultura perde movimento, torna-se mais contida e mais afeita a sutilezas. Sua retratística, entretanto, aperfeiçoa-se e os bustos aqui produzidos impressionam pela carga psicológica que os permeia. Em contrapartida sua pintura é apressada, quase frenética e reveste-se de inusitada atualidade.

Em 2004 o artista plástico Sérgio Romagnolo iniciou uma série de pinturas intituladas *A Feiticeira e as Máquinas*, na qual trabalhou sobrepondo os frames de imagens televisivas embaralhando a narrativa em múltiplas dobras. O texto de divulgação da mostra, realizada em 2011 na Casa Triângulo, assim se refere a este trabalho:

É como se as imagens ficassem fora de controle, ganhassem autonomia e, animadas com esse fato, se pusessem deliberadamente a procurar novas possibilidades, abandonando a clareza pretendida por nós, espectadores. Como se a narrativa do mundo entrasse em convulsão e nada mais tivesse um sentido claro.

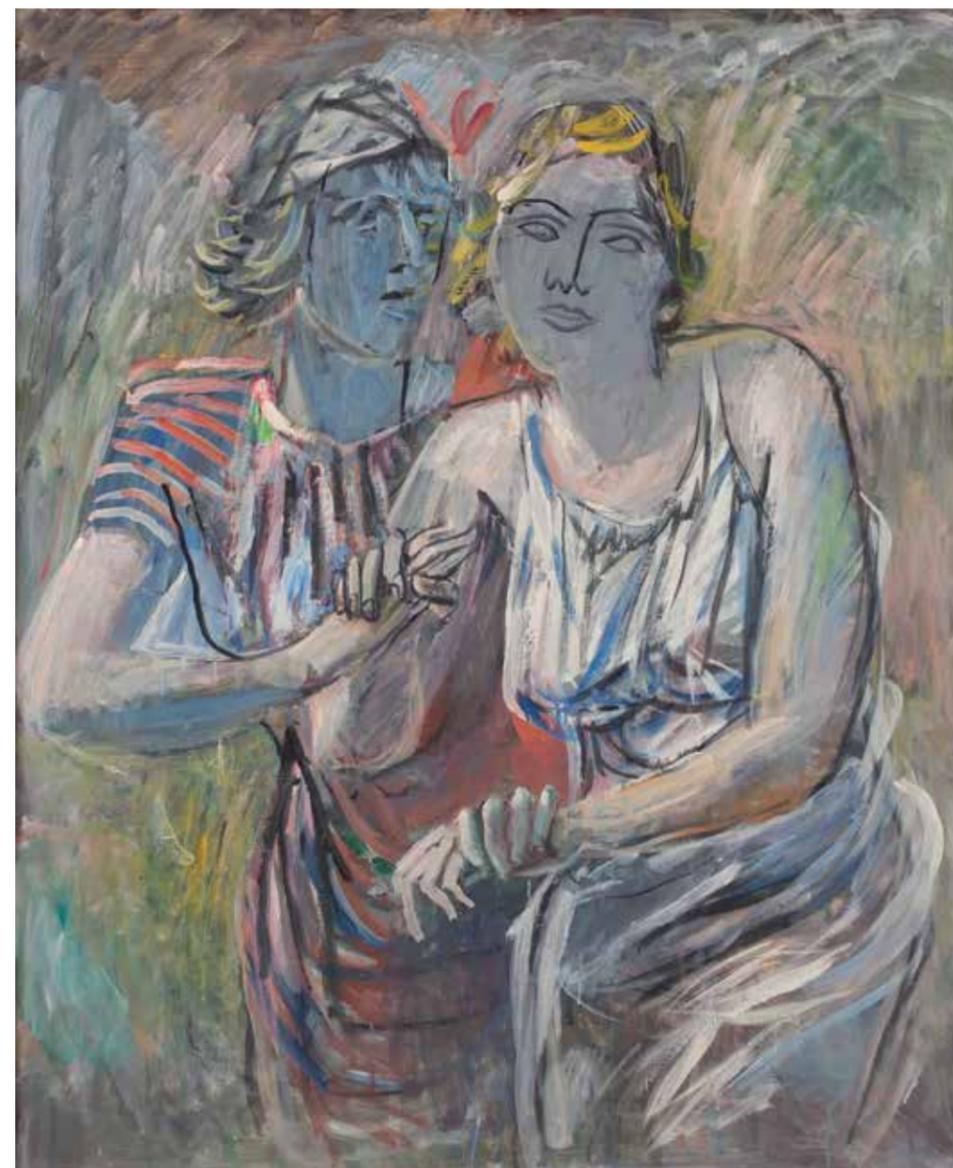
Poderiam ser assim descritas as pinturas de Ernesto de Fiori – um impressionante paralelismo de sua contemporaneidade.

Denise Mattar
Curadora
Agosto de 2016

ERNESTO DE FIORI
TENSÃO E HARMONIA



Sérgio Romagnolo
Samantha brava de verde, 2013
Acrílica sobre tela
80 x 120 cm



Duas Figuras, s/d • óleo sobre tela • 109,5 x 89,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP

ERNESTO DE FIORI

TENSION AND HARMONY

In music, it is said that harmony is the result of the solution of tensions. The strings vibrate according to the pressure applied on them, the sound of wind instruments from the vibration with the air, impact produces percussion, and it is from the union of these tensions that beauty surges.

This musical reference immediately brings to mind Ernesto de Fiori, a unique artist which the war in Europe brought to Brazil. Tension is the core of his work, it is the force that propels it, and is present both in his technical choices, like an agile molding and a movie-like painting, and in his production, always vibrant, nervous and restless – almost unsatisfied – but nevertheless harmonic.

At the exhibition now being held at the Almeida e Dale Gallery, this perception of De Fiori's work by the curator is evidenced by the experience of seeing the artist shaping a sculpture. Serious, almost circumspect, he prepares the "soul" of the sculpture, covering it with clay and then with precise fingers a woman emerges. His hands don't slide smoothly over the substance; he works using quick strokes, with short and powerful squeezes, but filled with tense sensuality. Produced in 1926, by Hans Cürliis, the film *Schaffende Hände* [Creating Hands], shown in this exhibition, has the acceleration that is typical of the films of that time, but, despite this, it shows the artist's restless process.

De Fiori, who wrote very well and regularly published articles about art in the Italian, German, and later Brazilian press, described as follows this intense moment of molding, in which any gesture can create (or destroy) a sculpture. This excerpt is part of the article, written in 1919 and published in Zurich under the title "Wie eine Statue entsteht" [How to raise a statue]

[The artist sees] the clay person as a coarse form and starts to work on it: here art begins, the divine breath which gives life to a dead form. From now on the sculptor warms up: he squeezes, he dissects, he twists, he turns - and, now, slowly or suddenly, the vision of a special form emerges, perhaps in an entirely casual way, for example, an involuntary touch of the finger to the nose: and all of a sudden the nose has its own stunning expression. The artist is startled and, suddenly, as though arising from that nose, before his spirit, is the whole man.

Born in Rome, of Austrian descent, De Fiori inherited his Italian surname from his father but was naturalized German, and spoke

and wrote in several languages, circling freely between Paris, Zurich and Munich. Unusually handsome, the artist was an "incurable charmer", in the words of his friend Gabrielle Mucchi. He was married three times, had many mistresses, among whom the legend says was actress Marlene Dietrich, of whom he made two busts that can today be seen in German museums.

When the First World War (1914-1918) broke out, the artist joined the German army as a correspondent for an Italian newspaper. The horror of the War repulsed him and he left his job before the end of the conflict, moving to Zurich, where he once again focused on art.

Controversial and combative, between 1918 and 1919, he argued in the press with the Dadaist group regarding the movement's concept, which proposed a break from everything that had been done until then. For De Fiori it was impossible to have art disconnected from the past.

Throughout the decade of 1920 and 1930, De Fiori became an established figure in the European market, especially through his sculptures, acquiring artistic and intellectual prestige. His marchand, Alfred Flechtheim, was then one of the most important gallery owners, and the artist participated in the great exhibitions of the time.

The consolidation of Nazism, in 1933, was a blow in the life and trajectory of De Fiori.

Unable to live in Germany dominated by one of the most violent and dark totalitarian states that the world has known, he moved to Brazil in 1936 – where his mother and brother already lived – and settled in São Paulo.

The capital of São Paulo was living a lull between the "mad" years of the 1920s, which had been left behind, and the artistic recovery which would only occur at the end of the 1940s, with the foundation of the museums of modern art. Upon his arrival, De Fiori began to work for some newspapers of the German and Italian communities, for the *O Estado de S. Paulo* newspaper and to cast figures of São Paulo's high society, such as poet Menotti del Picchia (1892-1988) and Count Francisco Matarazzo.

Though he never became totally integrated in our country, where he lived a period of internal conflict, the artist witnessed

important transformations in his work throughout the nine years he spent here. His presence in São Paulo helped to open new horizons in the city's artistic circle, and left its mark on the production of some artists such as Mario Zanini, Joaquim Figueira and Alfredo Volpi.

In 1938, De Fiori was introduced to the Minister of Education and Health, Gustavo Capanema, who invited him to create a series of sculptures for the building of the ministry of Education and Health (MES) then under construction. The artist traveled to Rio de Janeiro, elaborated a careful project and made many models. His work, however, was not accepted, which was a tough blow for him.

During his Brazilian years, which he believed would be transitory, we see, from 1936 to 1939, a predominance of his production of sculptures, while from 1940 to 1945 there is a growth of paintings in his work. The critics of São Paulo, however, did not receive the artist's pictorial production well, perhaps due to its innovative quality and strength, miles apart from what was understood at that time to be good painting. Characterized by the use of quick strokes, the use of diluted paints and sometimes scrapings, De Fiori's paintings appear to have been made in one breath; revealing a disturbing and moving urgency, which led Mário de Andrade to say that they appeared to be drawing-paintings. This critic was one of the few to write about these works, though finding it difficult to place them:

(...) Lately, Ernesto de Fiori has been dedicating himself especially to painting. Painting or drawing? The question is not entirely idle, although it is somewhat pedantic in its fastidiousness. However, deciding this question, I believe, is very important so that we can understand and evaluate the paintings of this illustrious sculptor.

It is undeniable that Ernesto de Fiori presents us, in his exhibition, with some works of painting, and good painting (...). And it is also very interesting to observe that all this firmness in his composition has not excluded spontaneity from his production: free, happy and honest without tricks or easy virtuosity.

Truth be told, I'm not exactly against virtuosity nor against tricks such as scraping when placed at the service of an expression. Ernesto de Fiori, in his manner of obtaining the essence of oil, does not reveal his personality as a sculptor. This appears to me as high

praise, as I recognize that he is really producing a painter's painting and not a sculptor's painting – which is very common. Instead of the bony matter of his bronzes, his oils are voluptuous, meaty, full and fat, where we perceive the brush drowned in very liquid paint, coloring wide stains, that scraping often faintly shows as superimposed layers, obtaining rich and unexpected effects that the painter wisely allows to remain. And both through the scraping process and others, such as finishing with a drier brush and with less liquefied oil, the artist obtains effects of vibration and a multiplicity of very fine nuances.

In this luminous vibrancy and in his lively, nervous brushing, we can perhaps feel the sculptor's technique, molding the rougher materials of clay and seeking the qualities of cast iron. But it is always certain that the vigor of his strokes and even his slight roughness are characteristics that are also inherent to painting. And with his processes, Ernesto de Fiori managed to give the impression of a flaming painting, quick painting, in a flash, an apparent Blitzpainting (sorry!), that does not prevent reflection, but is decided and preserves movement, impetus and the freshness of improvisation. (...) (Diários Associados, April 2, 1941)

Mário is practically unique in the analysis of De Fiori's painting, written about his solo exhibition, held in 1941 at the Casa e Jardim Gallery. Other critics highlight his sculptures, especially the busts of Brazilian personalities, where the emphasis is upon their similarity to the model depicted.

After this period, De Fiori intensifies his participation in regattas, winning several medals and awards for the São Paulo Yacht Club. Dedicated to sports since childhood, De Fiori was considered an excellent sailor who contributed greatly towards promoting and elevating sailing in Brazil to a more professional level. This choice was reflected in his many paintings of regattas on the lake in Santo Amaro.

De Fiori died on April 24, 1945, without witnessing Hitler's death and the fall of Nazi-fascism, but, above all, without being able to return to Germany, where he had been naturalized and had never intended to leave.

Recognition of Ernesto de Fiori's work only occurred after his death, and over the years, was evaluated in critical texts by Sergio Milliet, Lourival Gomes Machado, Luís Martins, Quirino da

ERNESTO DE FIORI

TENSION AND HARMONY

Silva, Pietro Maria Bardi, Wolfgang Pfeiffer and Paulo Mendes de Almeida. In 1975, on the occasion of the 30th anniversary of the artist's death, the Museum of Contemporary Art of the University of São Paulo held a big retrospective accompanied by an important catalogue with a text written by Walter Zanini.

In 1992, the Georg-Kolbe-Museum, in Berlin, Germany, held a retrospective focused on the artist's European production accompanied by a publication organized by curator Beatrice Vierneisel. In 1997, the Pinacoteca do Estado de São Paulo held the exhibition *Ernesto de Fiori Uma Retrospectiva* (Ernesto de Fiori A Retrospective), curated by Mayra Laudanna, accompanied by a revealing publication under the same title. In 2003, the academic published the book *Ernesto de Fiori* for the collection *Artistas Brasileiros* (Brazilian Artists), for the Edusp publishing company, in which, based on a detailed research, the artist's trajectory was recreated, undoing mistakes that had been cultivated for many years.

Despite the excellence of these publications, the range of De Fiori's work continues limited to the admiration of critics and collectors, and has not reached the general public, being practically restricted to São Paulo. In order to fill this gap, the Almeida e Dale Gallery is now organizing the exhibition *Ernesto de Fiori - Tensão e Harmonia*, under the curatorship of Denise Mattar, together with this catalogue. This exhibition will be followed by a book with a critical text by Ivo Mesquita, published by Capivara Editora.

Ernesto de Fiori - Tensão e Harmonia brings together 20 sculptures, 32 oils, 9 gouaches and 11 drawings and mostly presents the artist's Brazilian production. It begins with the sculptures that cover the period from 1929 to 1945, exhibiting some works that were produced when he was still in Germany such as *Adam*, *Jüngling* and *Barbara*, from 1929, sculptures produced in Brazil, such as *Homem Brasileiro* (Brazilian Man), *Maternidade* (Maternity) and *Mulher Reclinada* (Reclining Woman), 1938, created for the Ministry of Education and Health (MES), and also busts such as that of *Greta Garbo*, *Christian Heins'* nephew and his *Autorretrato* (Self-portrait), 1945.

The oils, gouaches and watercolors were organized into three groups: Paisagens (Landscapes), in which De Fiori portrays his impressions of the outskirts of the still timid city of São Paulo, and the regattas on the lake in Santo Amaro, where he used to

sail. *São Jorge e o Dragão* (St. George and the Dragon) presents allegories of the battle between right and wrong, in an allusion to the war in Europe, and Galas in which the artist depicts individuals or groups, generally participating in society events. His nervous and vibrant painting registers movements and tensions underlying these apparently mundane scenes, with surprisingly contemporaneous results.

There is also a group of drawings that make explicit his creation process and some caricatures of Hitler and Nazism. De Fiori was only able to openly oppose Hitler's regime in 1942, when Brazil joined the War alongside the Allies. On that occasion he published articles opposing Nazi-fascism in the *O Estado de S. Paulo* newspaper, of which the best known is "Parademarsch" and he painted a canvas that, erroneously, became known as *Saudação a Hitler* (Saluting Hitler), where he expresses his aversion to Hitler's Germany, evoking the angel of death that hangs above the scene.

The exhibition allows us to trace a comparative line between De Fiori's European and Brazilian production of sculptures, showing that in our country his sculptural production loses movement, becoming more contained and more prone to subtleties. His portraits, however, improve and the busts produced here impress due to the psychological charge that permeates them. On the other hand, his painting is hurried, almost frenetic and unusually up-to-date.

In 2004, visual artist Sérgio Romagnolo began a series of paintings entitled *A Feiticeira e as Máquinas* (The Sorceress and the Machines), in which he worked overlaying television image frames, mixing the narrative in multiple folds. The promotional text of the exhibition that was held in 2011 at the Casa Triângulo, refers to this work as follows:

It is as if the images were out of control, gaining autonomy and, encouraged by this fact, deliberately seek new possibilities, abandoning the clarity that we, spectators, would like. As if the world's narrative had gone wild and nothing had a clear meaning.

The paintings of Ernesto de Fiori could be described this way – a striking resemblance to his contemporaneity.

Denise Mattar
Curator
August, 2016



Homem andando, 1921
Bronze
205 x 60 x 80 cm
Coleção particular
São Paulo-SP

Liberdade para o espírito que procura o caminho da humanidade nas ciências, nas artes e até na vida prática, eis um dos mais sagrados direitos do homem e não menos necessário à sua existência do que o ar que respira! E a nós, artistas, não só a liberdade de pesquisa, mas, acima de tudo, a convicção de que a pesquisa é a máxima expressão artística do nosso tempo, a sua única suficiente e adequada forma de arte.

Ernesto de Fiori

1941



Maternidade, 1938
Bronze
27 x 18,7 x 24,5 cm
Coleção Ornella Psillakis
São Paulo-SP



Jüngling, c. 1929 • gesso pintado • 77 x 15 x 15 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Adam, 1929 • bronze • 99 x 52 x 55 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Barbara 5/8, s/d • bronze • 57 x 13 x 16,5 cm • Acervo Fundação Edson Queiroz - Fortaleza-CE



Homem andando, 1936 • bronze • 94 x 38 x 55 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Boxeador Max Schmeling, c. 1928 • bronze • 54,7 x 20 x 27 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Boxeador Max Schmeling, c. 1928 • gesso colorido com bronze • 56,6 x 21 x 26 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Figura feminina, s/d • bronze • 104 x 24 x 22 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Mulher em pé, 1937 • bronze • 118 x 33 x 31,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Christian Heins de Fiori, 1939 • gesso • 35 x 20,5 x 22,8 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Giuliana de Fiori, c. 1937 • gesso • 38 x 18 x 18 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



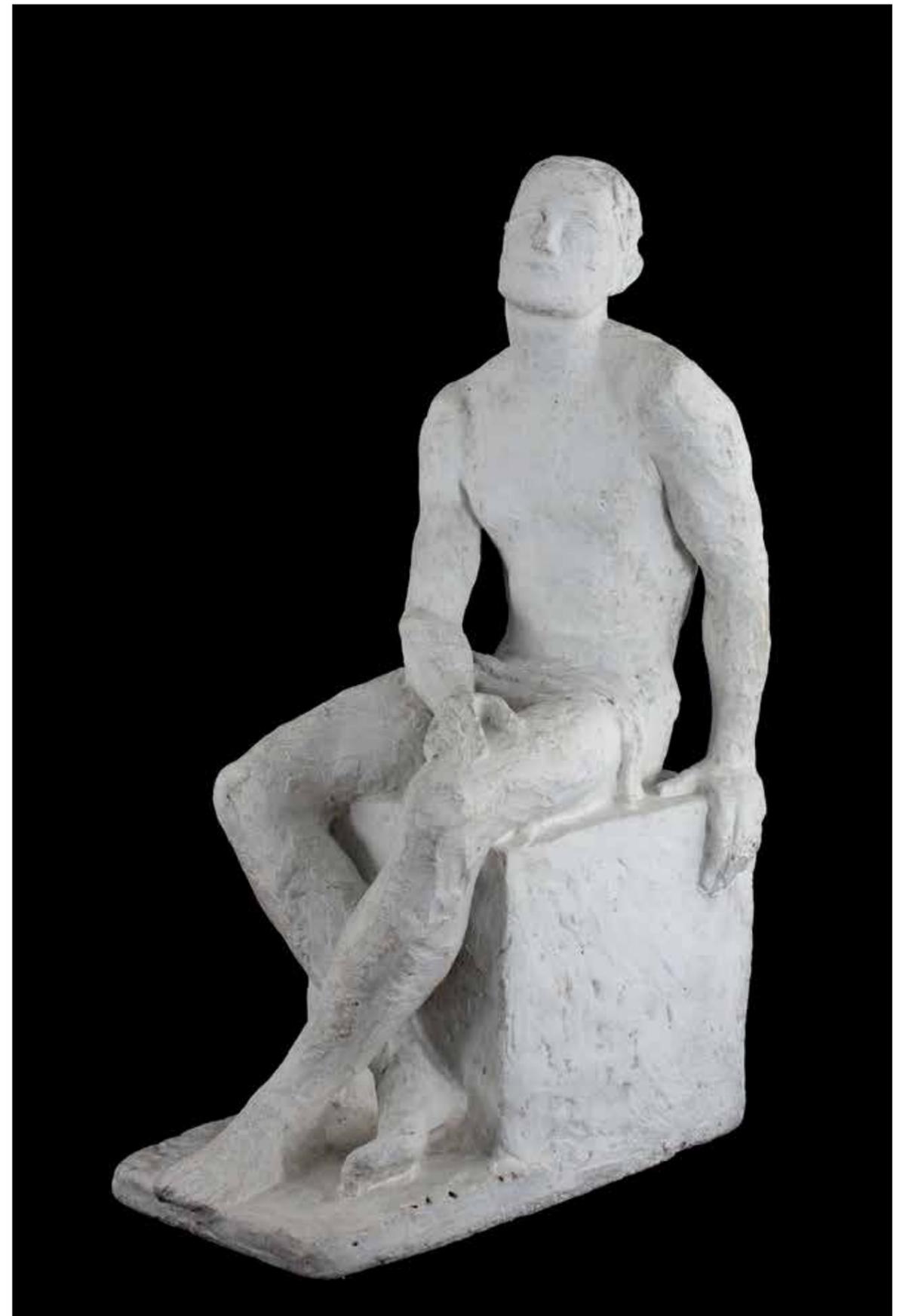
Greta Garbo, 1937 • bronze • 42,5 x 26,5 x 23 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Autorretrato, 1945 • bronze • 36 x 18 x 24,7 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Homem brasileiro, 1938 • bronze • 81 x 48 x 34 cm • Acervo Museu de Arte Brasileira - MAB-FAAP - São Paulo-SP



O atleta em repouso, 1938 • gesso • 84,3 x 27,5 x 36 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Nu feminino, 1940
Bronze
48 x 14 x 11 cm
Coleção particular - São Paulo-SP



Mãos no cabelo, 1940
Bronze
46,7 x 14 x 11 cm
Coleção particular - São Paulo-SP



Nu feminino, 1940
Bronze
40 x 12 x 12 cm
Coleção Ormella Psillakis - São Paulo-SP



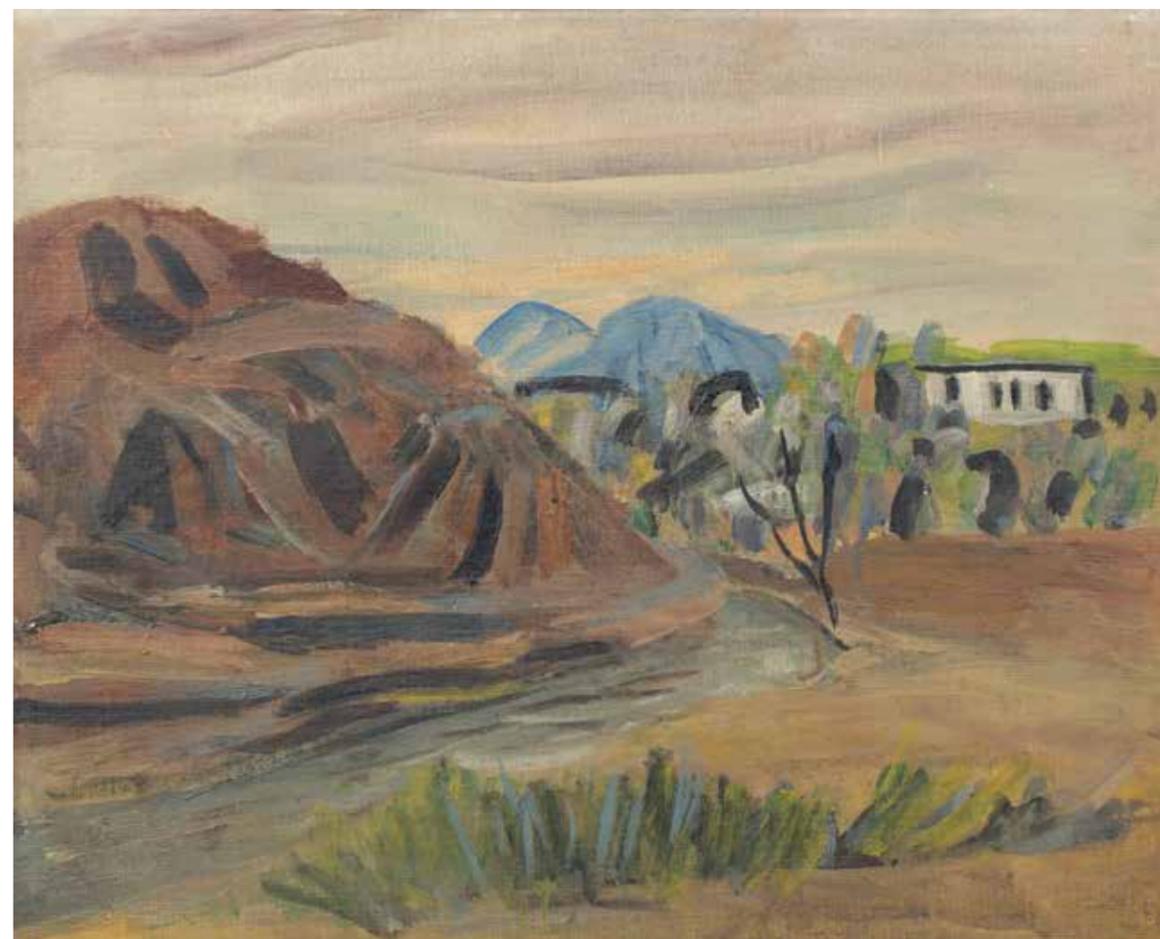
Nu feminino, 1938 • bronze • 26 x 33 x 32 cm • Coleção Hecilda e Sérgio Fadel - Rio de Janeiro-RJ



Figura reclinada, s/d • bronze • 66 x 82 x 46,5 cm • Coleção Ormella Psillakis - São Paulo-SP



Paisagem, c. 1908 • óleo sobre tela • 29,4 x 39,6 cm • Coleção Ormella Psillakis - São Paulo-SP



Fazenda de Tarsila do Amaral, s/d • óleo sobre madeira • 39,5 x 48,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Paisagem com lagoa, 1943 • óleo sobre tela • 59,1 x 79,7 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



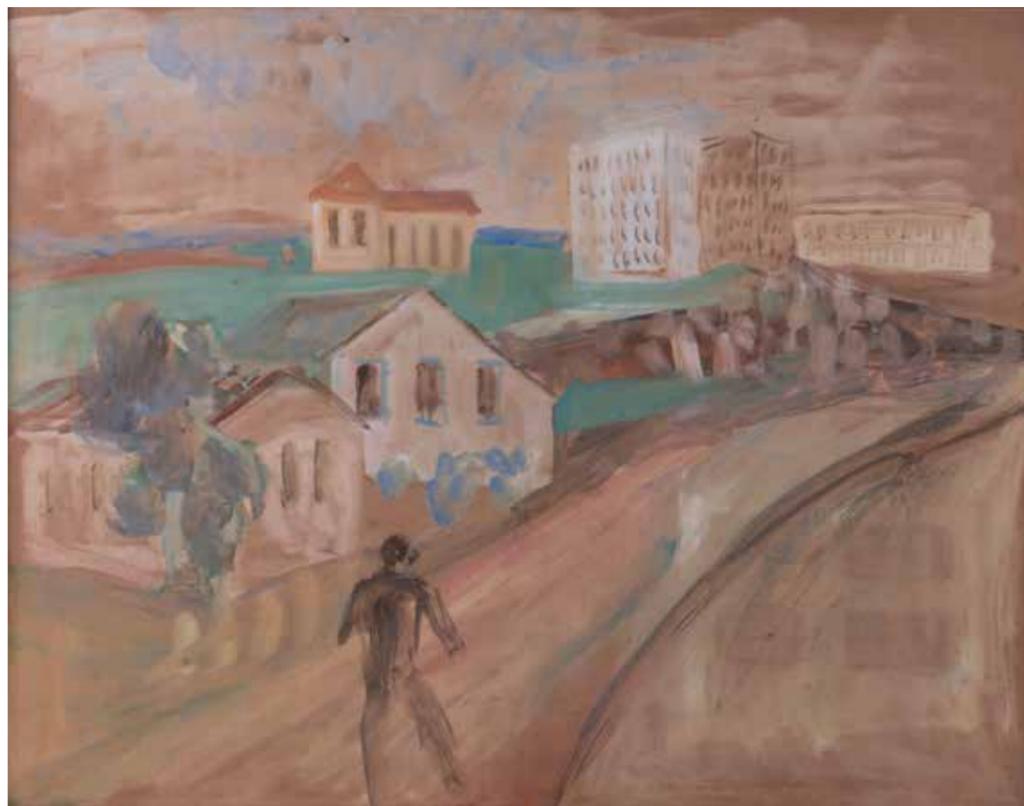
Forte, s/d • óleo sobre tela • 41 x 60 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



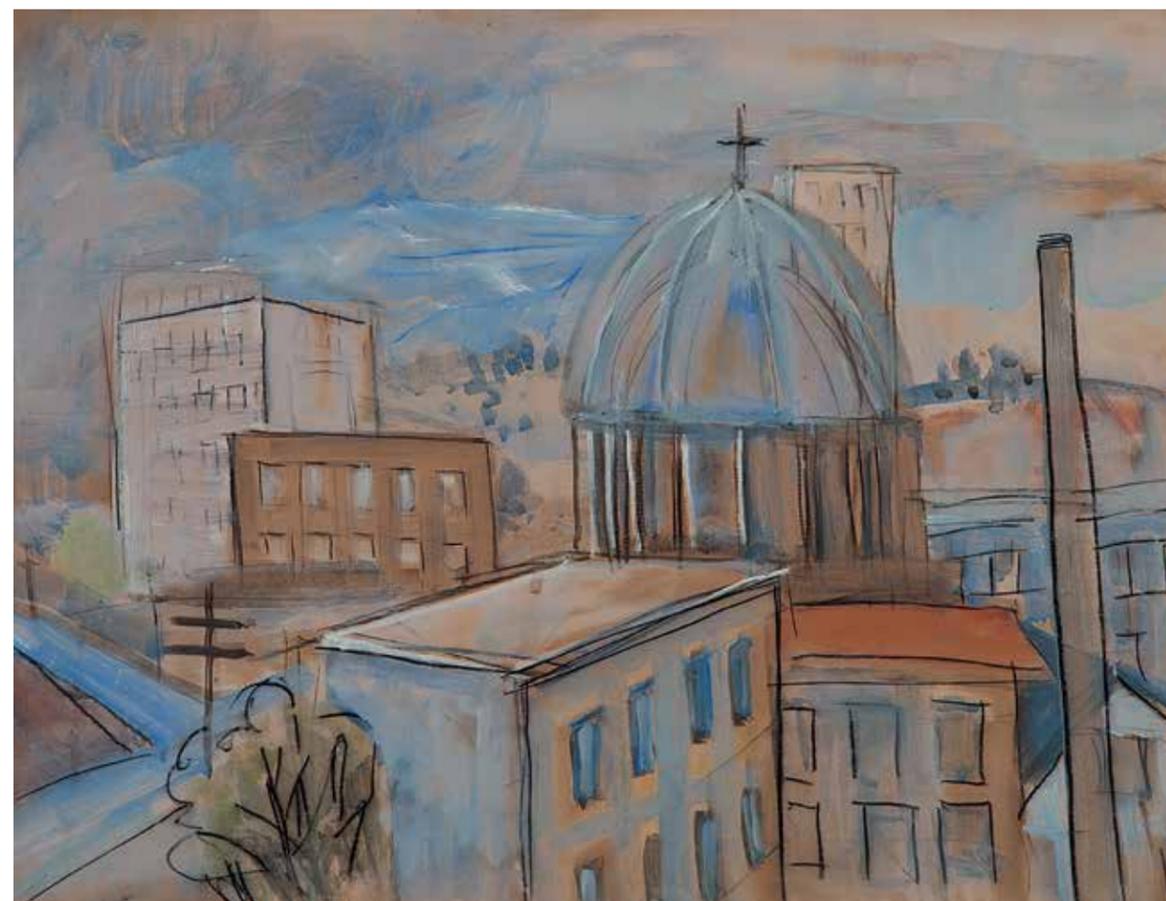
Cena de rua, s/d • óleo sobre tela • 50 x 65 cm • Coleção Hecilda e Sérgio Fadel - Rio de Janeiro-RJ



Paisagem campestre, 1943 • óleo sobre tela • 90,5 x 109 cm • Acervo Fundação Edson Queiroz - Fortaleza-CE



Sem título, s/d • óleo sobre papel • 50 x 64 cm • Coleção Orandi Momesso - São Paulo-SP



Vista de São Paulo, s/d • guache • 50 x 64 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Paisagem com casas, 1942 • óleo sobre tela • 36 x 52,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



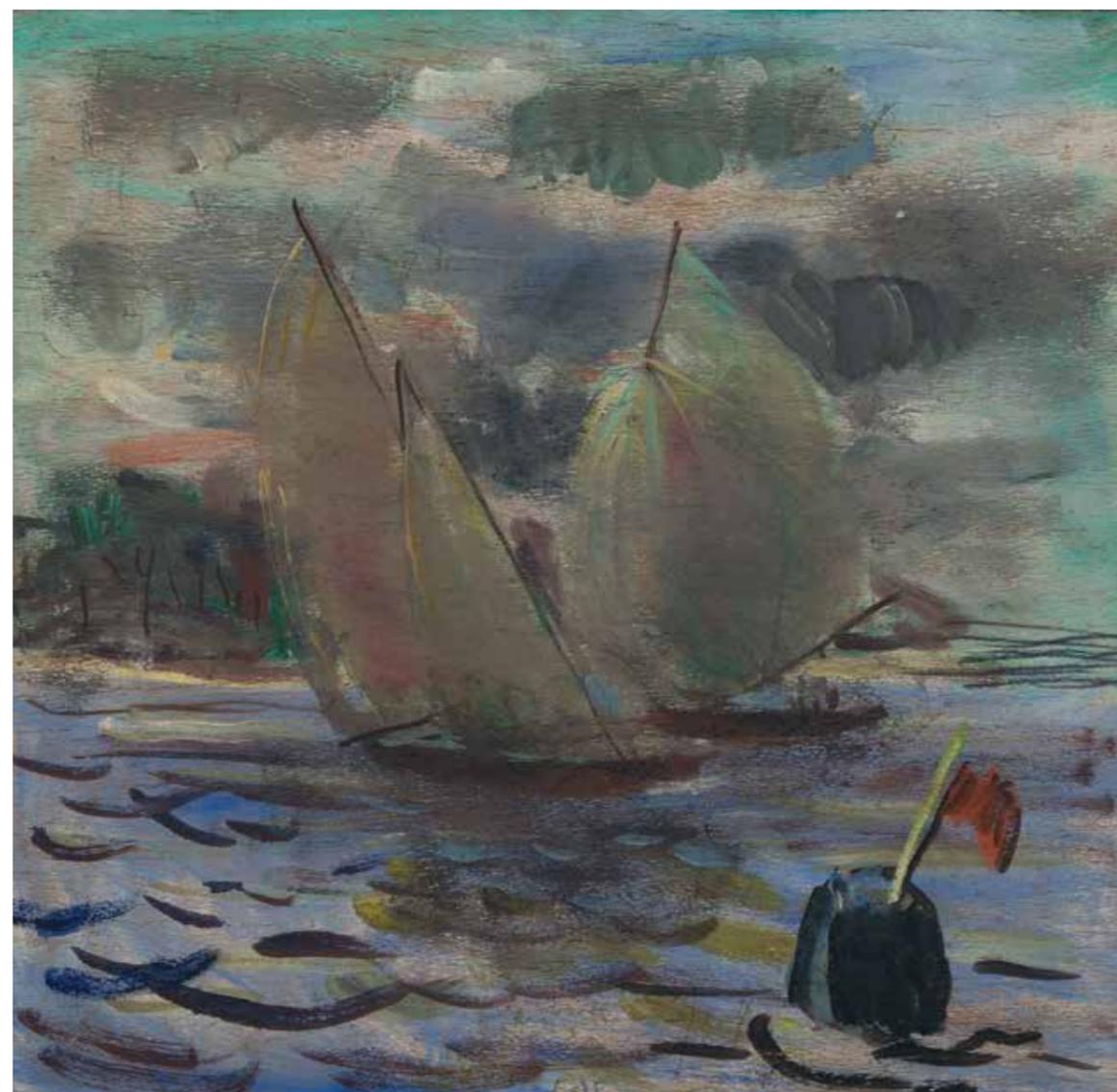
Paisagem • óleo sobre tela sobre cartão • 38 x 48 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Paisagem de Santo Amaro, 1944 • óleo sobre tela • 40 x 58 cm • Coleção Orandi Momesso - São Paulo-SP



Veleiros, década de 1940 • óleo sobre madeira • 46 x 48 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • óleo sobre madeira • 48 x 48 cm • Acervo Fundação Edson Queiroz - Fortaleza-CE



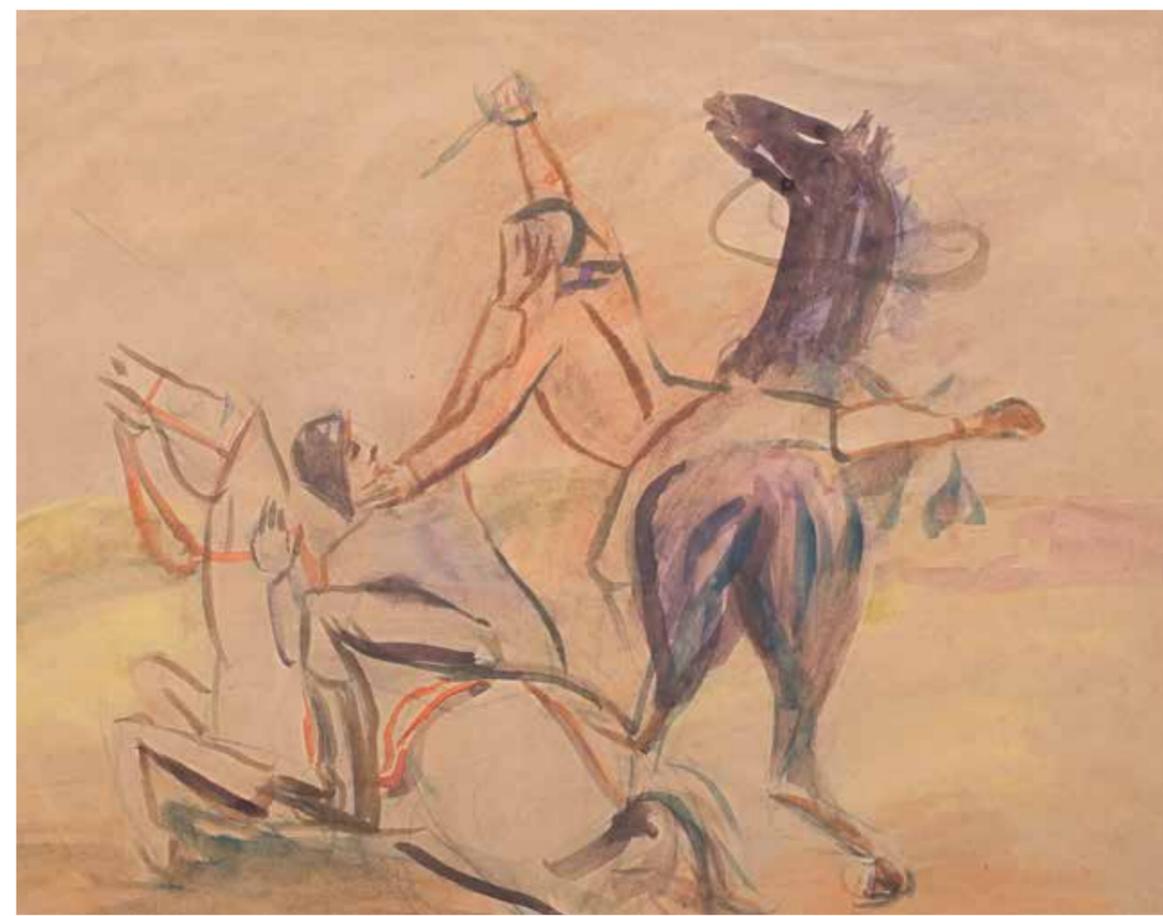
Natureza Morta, 1944 • óleo sobre tela • 45 x 55 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



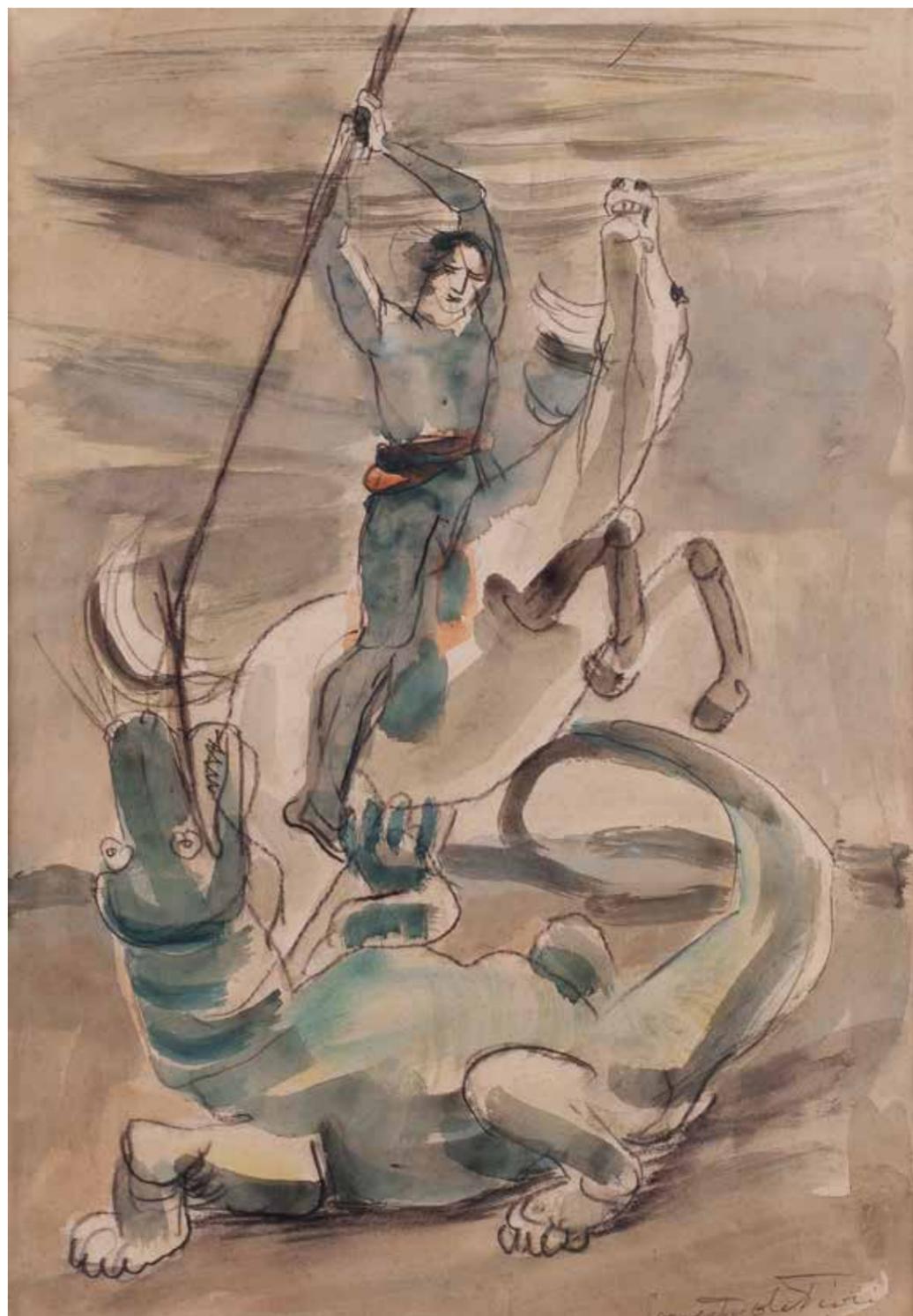
Paisagem de Santo Amaro, 1940 • óleo sobre tela • 45 x 60 cm • Coleção particular - Salvador-BA



Batalha, 1940 • guache e crayon sobre papel • 50 x 65 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Dois cavaleiros lutando, s/d • guache sobre papel • 50,2 x 65 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



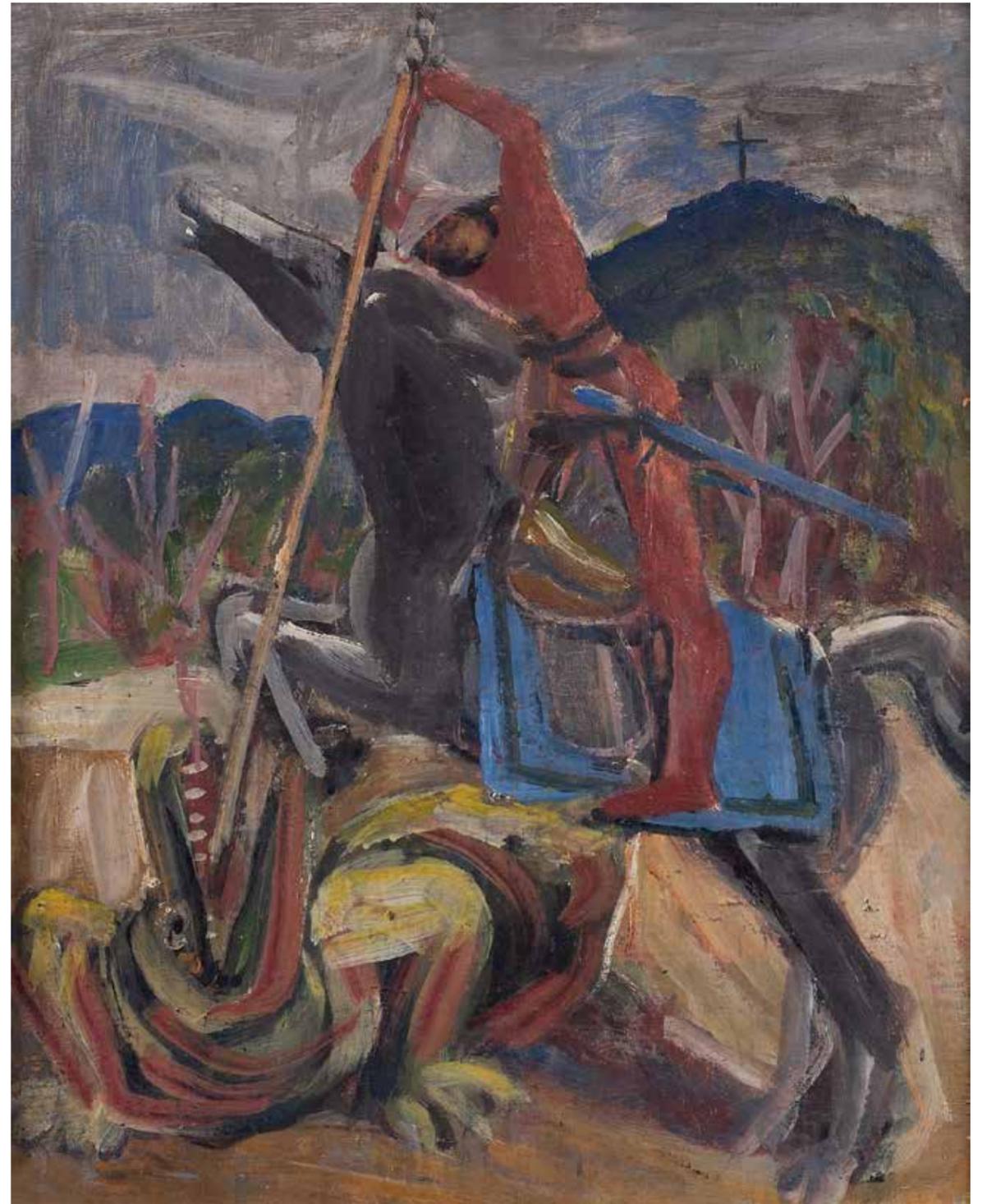
São Jorge, 1940 • guache sobre papel • 45 x 31 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



São Jorge e o Dragão, 1940 • guache sobre papel • 50 x 42 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



São Jorge e o Dragão, 1940 • guache sobre papel • 45 x 32 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



São Jorge e o Dragão, c. 1940 • óleo sobre tela • 48,5 x 39,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Original E. de Fiori
Orelha Heiss Póllolay
sobrinha netá

Sem título, s/d • grafite sobre papel • 31 x 21 cm • Coleção particular - São Paulo-SP

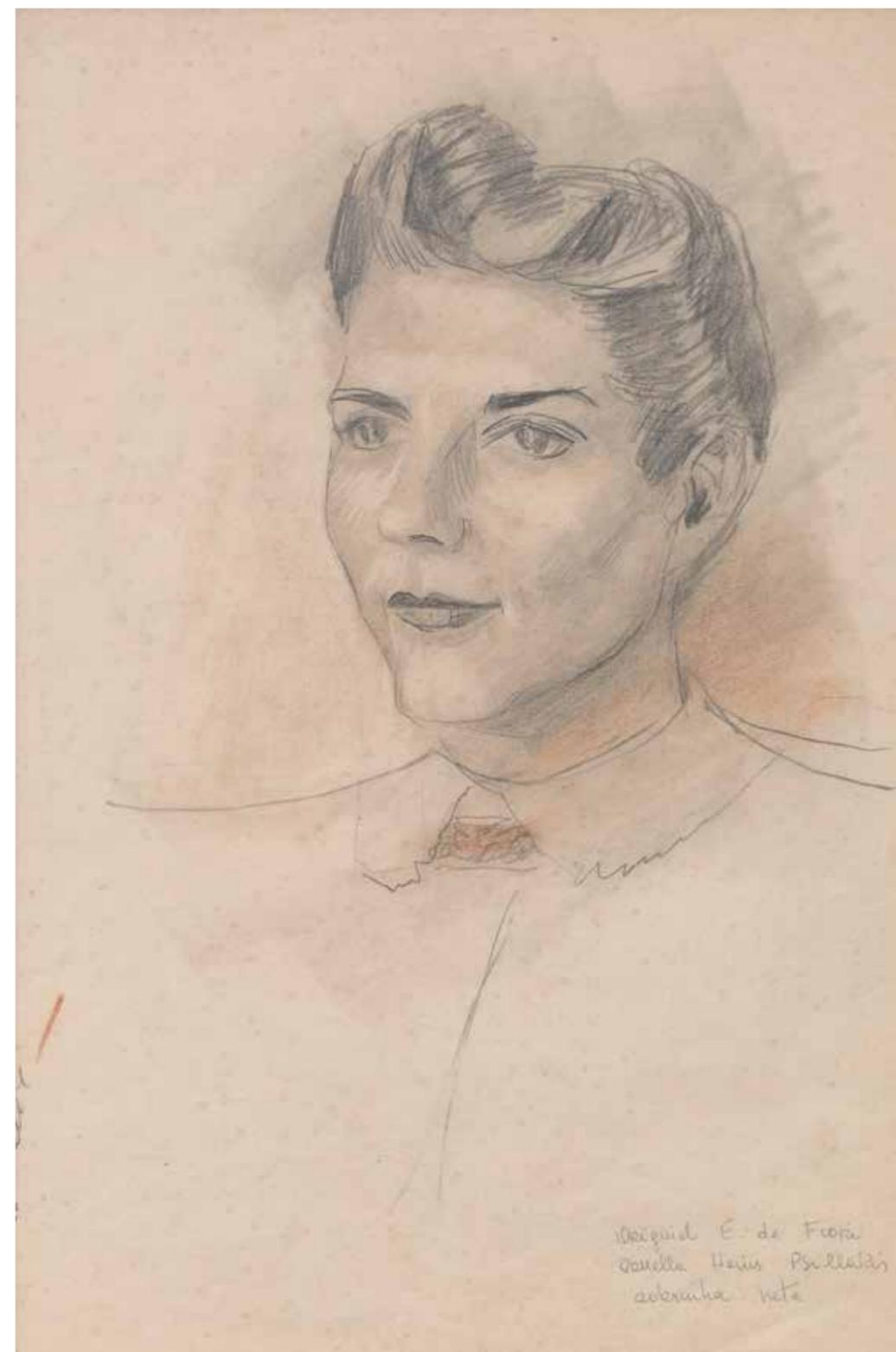


Original E. de Fiori
Orelha Heiss Póllolay
sobrinha netá

Sem título, s/d • grafite sobre papel • 31 x 21 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 46,5 x 31 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 46,5 x 31 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 46,5 x 31 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 46,5 x 31 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 46,5 x 31 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 47 x 30 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 47 x 30 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Sem título, s/d • grafite sobre papel • 47 x 30 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



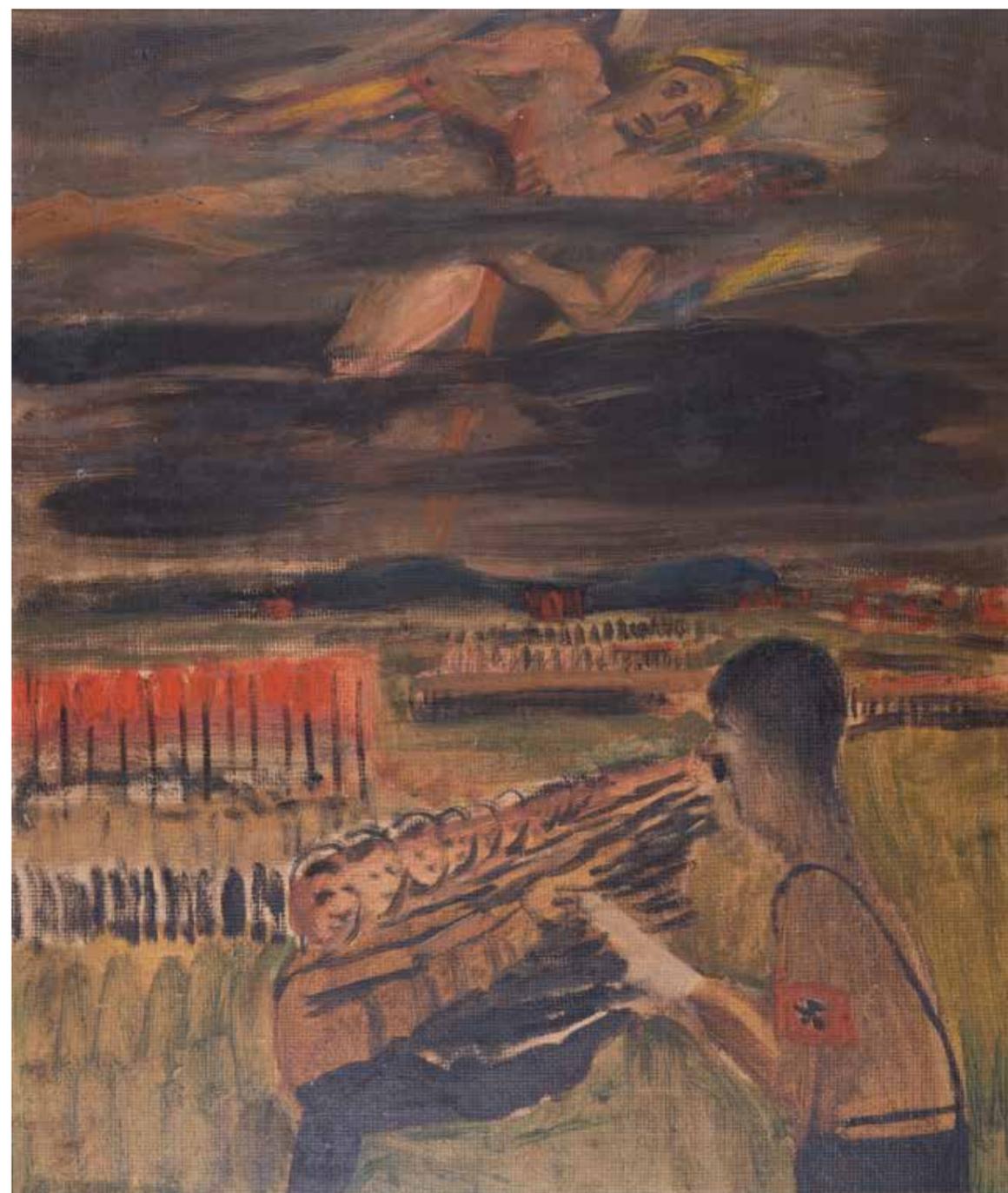
Sem título, s/d • grafite e crayon sobre papel • 61 x 39 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



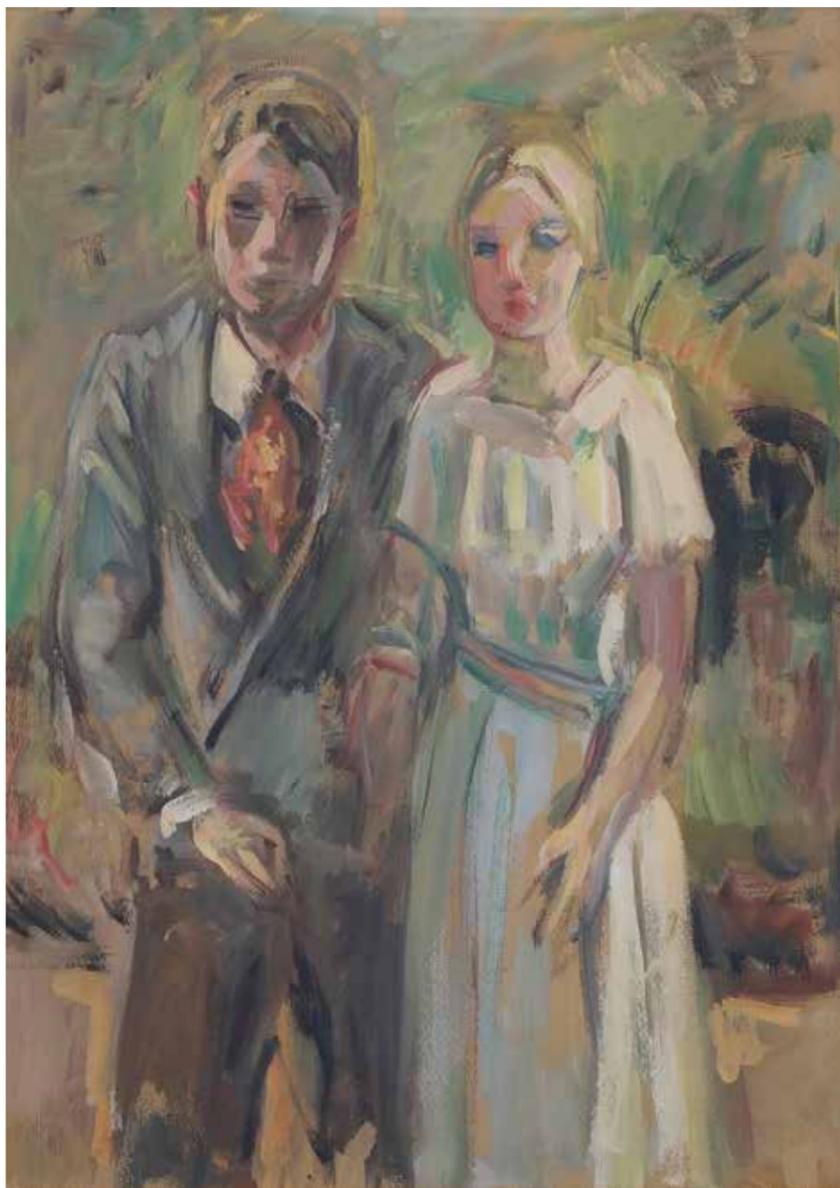
Sem título, s/d • grafite e aquarela sobre papel • 56 x 35 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



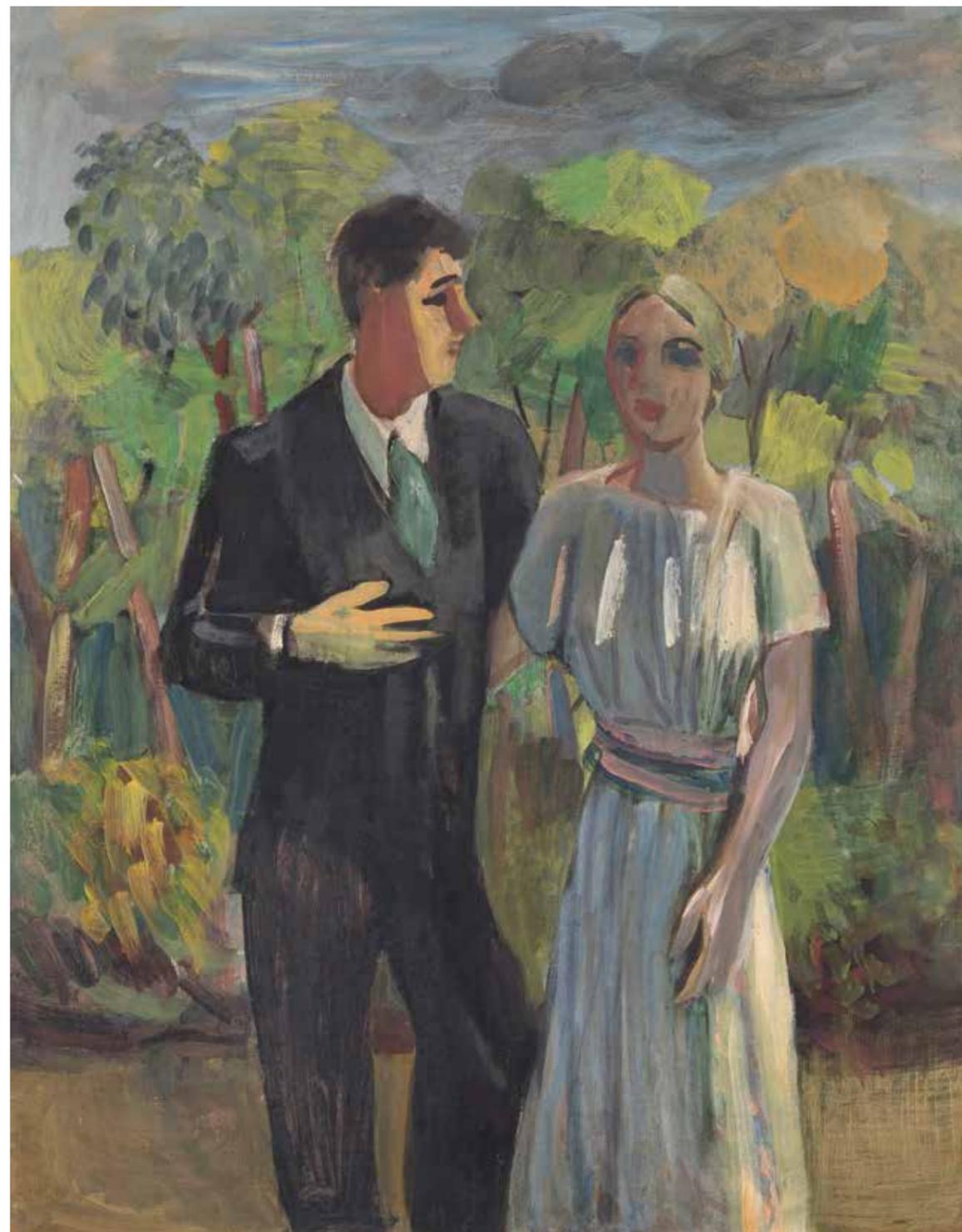
GerrecchtiKeith, s/d • bico de pena e aguada sobre papel • 26,5 x 20,5 cm • Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP



Saudação a Hitler, s/d • óleo sobre madeira • 54 x 46 cm • Coleção Orandi Momesso - São Paulo-SP



Casal, década de 1940 • óleo sobre cartão • 50 x 40 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



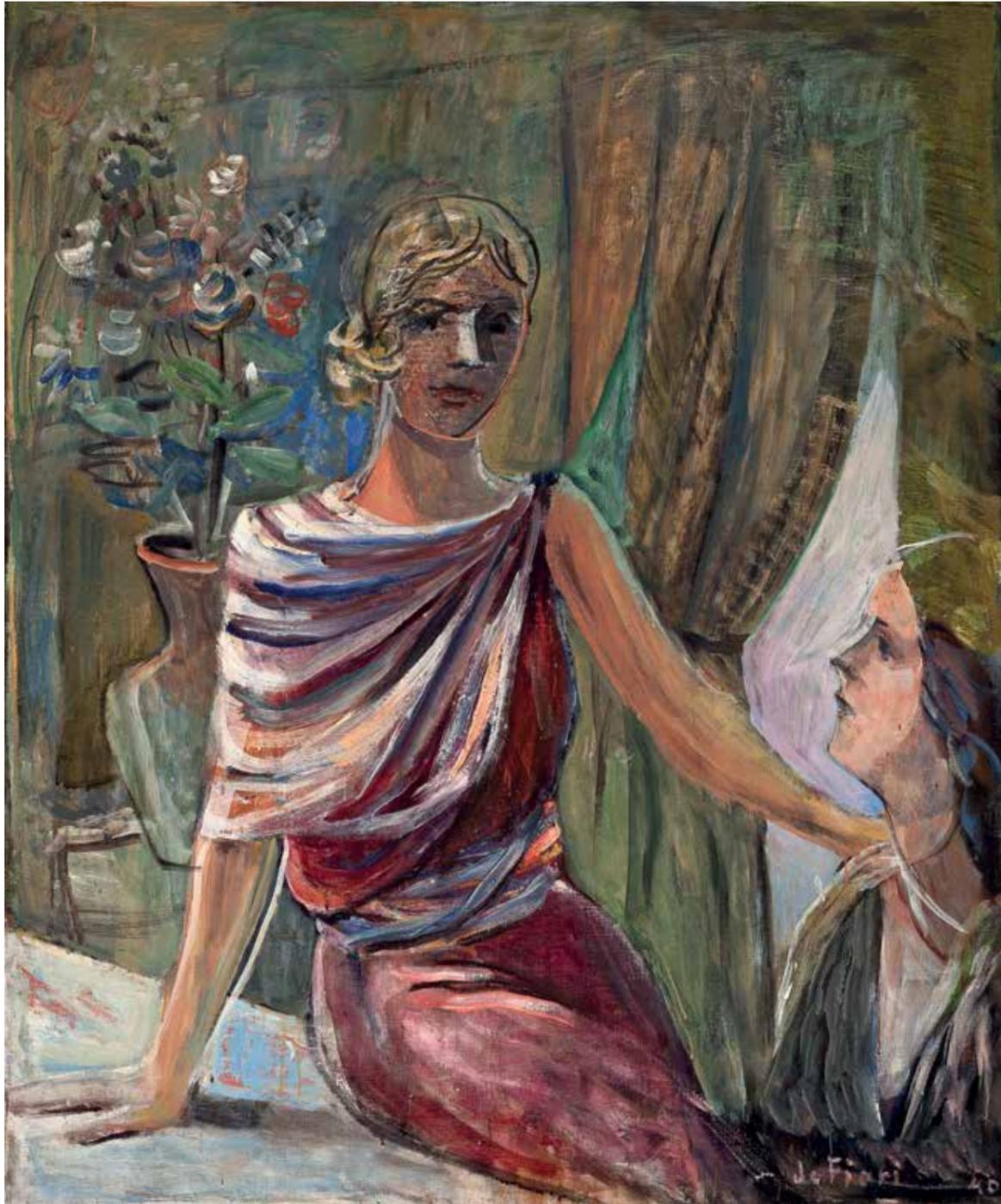
Casal de namorados, s/d • óleo sobre tela • 94 x 75 cm • Coleção Orandi Momesso - São Paulo-SP



O Jantar, 1942 • guache sobre cartão • 20,5 x 19,5 cm • Acervo Museu de Arte Brasileira - MAB-FAAP - São Paulo-SP



O Jantar, 1942 • óleo sobre tela • 88 x 108 cm • Acervo Museu de Arte Brasileira - MAB-FAAP - São Paulo-SP



Duas mulheres em interior, 1940 • óleo sobre tela • 120 x 100 cm • Coleção particular Rio de Janeiro-RJ

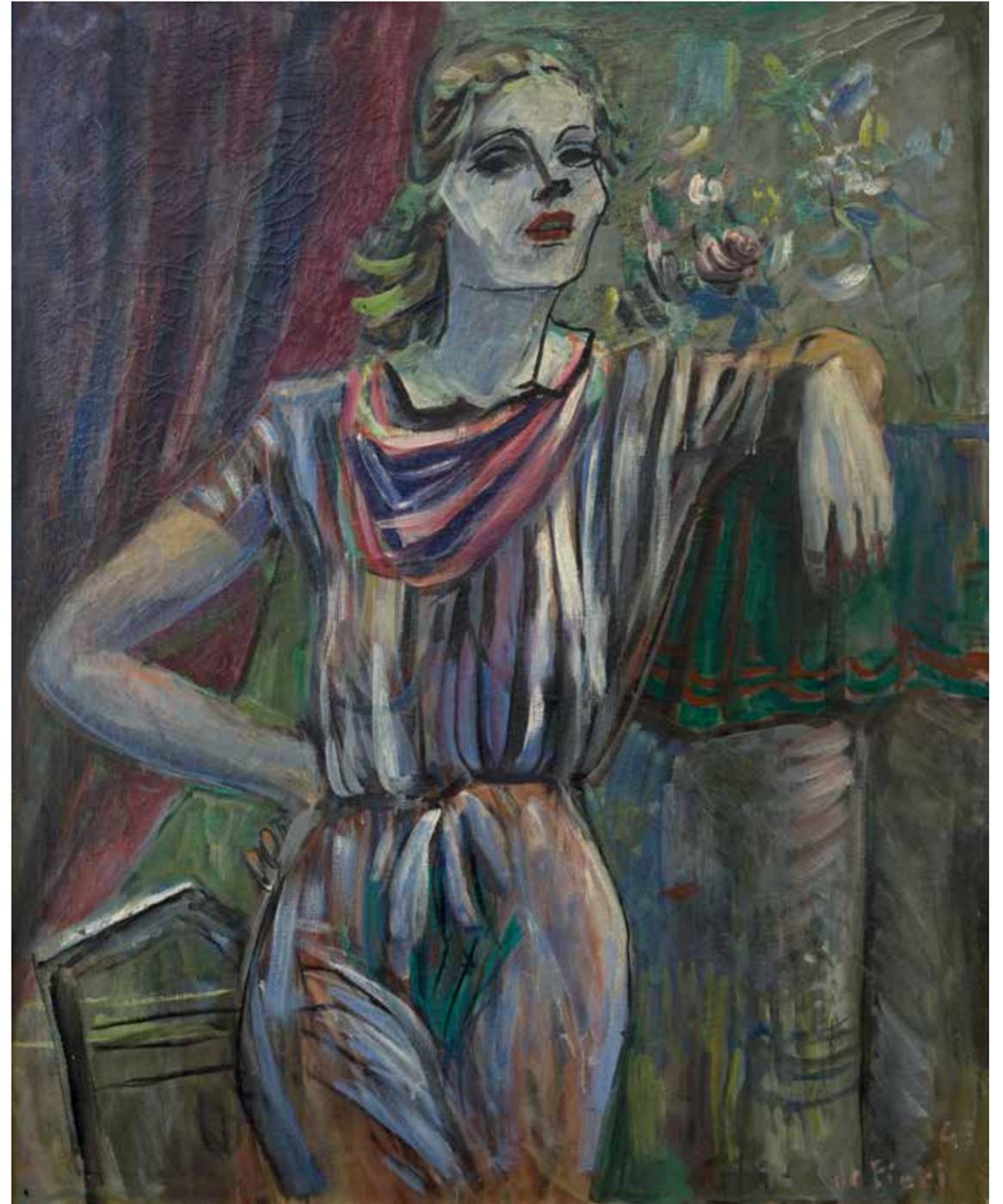


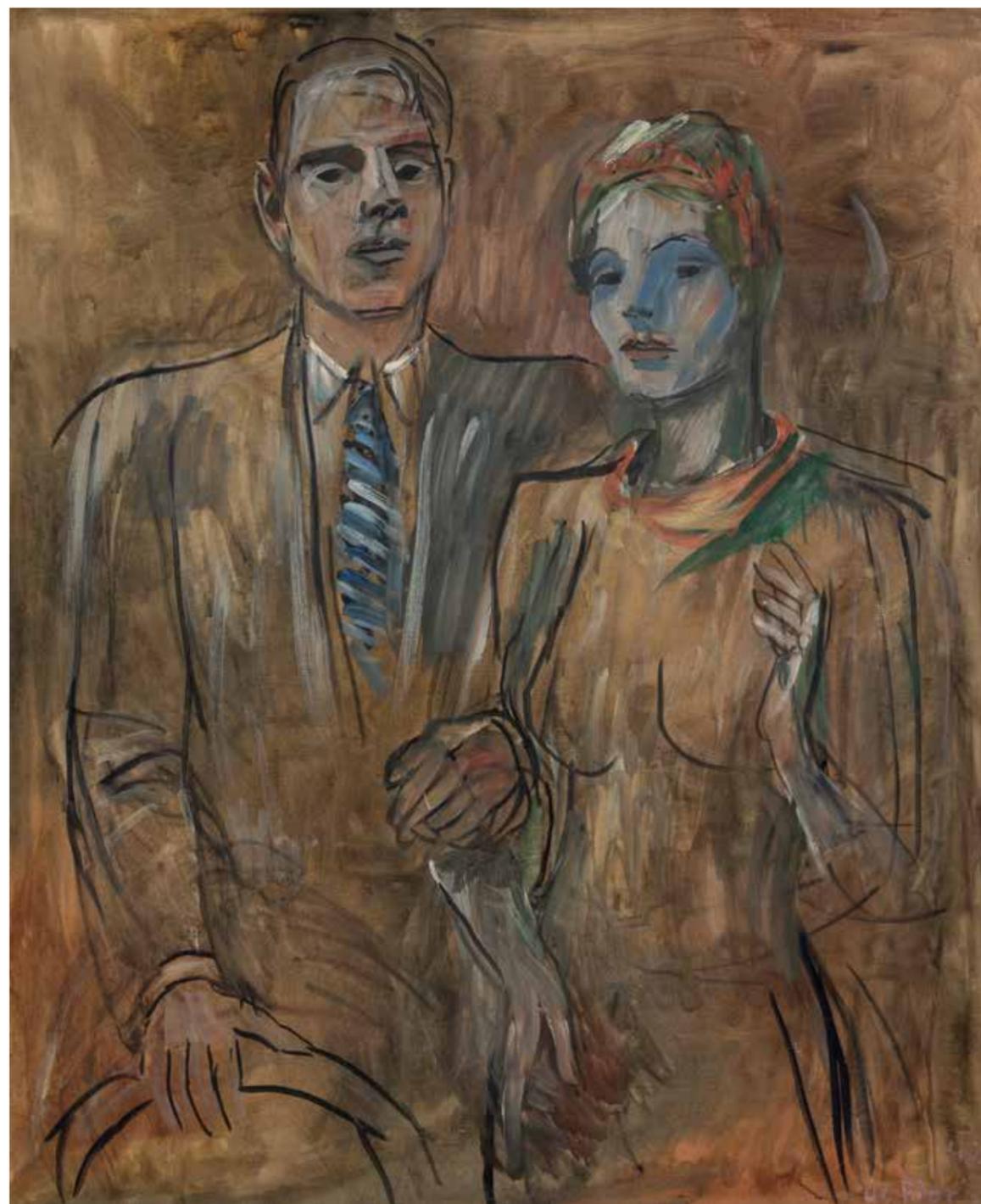
Figura de mulher, 1943 • óleo sobre tela • 108,5 x 90 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Visitantes, 1943 • óleo sobre tela • 134 x 178 cm • Coleção Orandi Momesso - São Paulo-SP



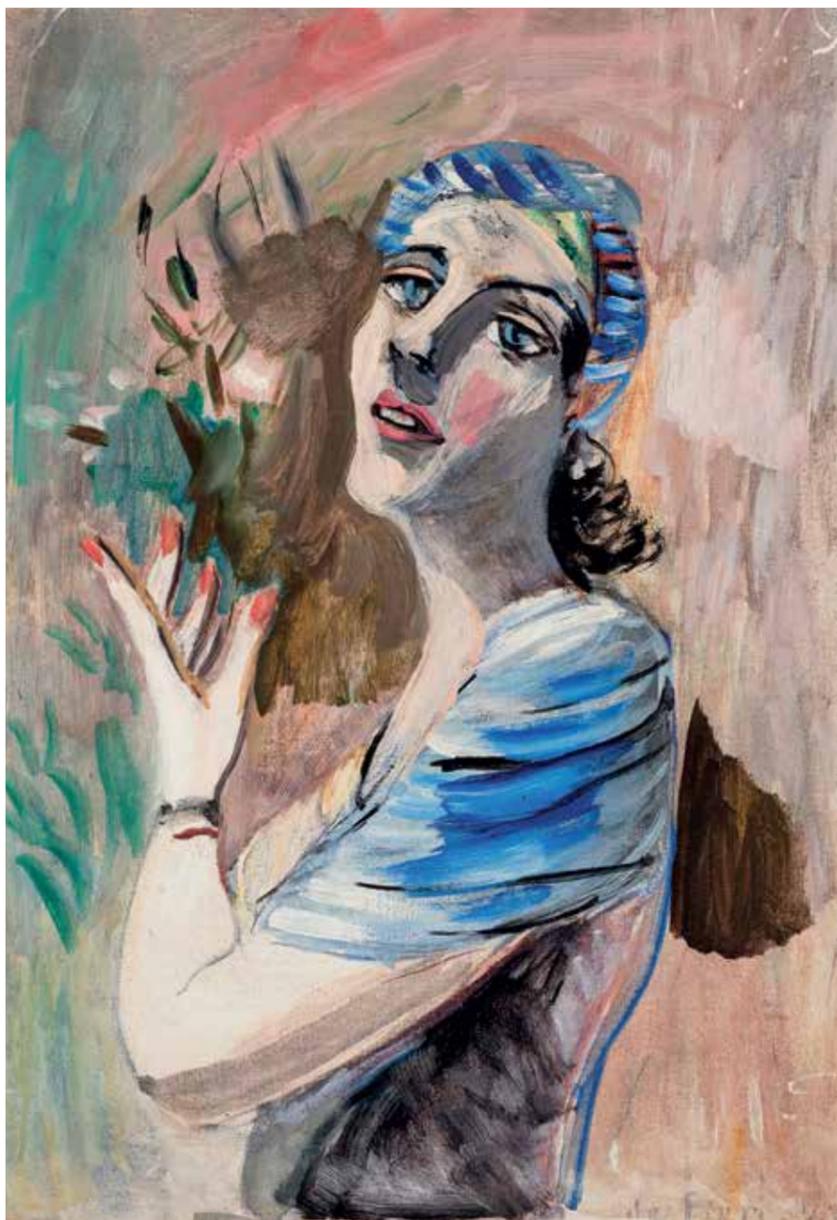
Moça de braços cruzados, s/d • óleo sobre tela • 80 x 59 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



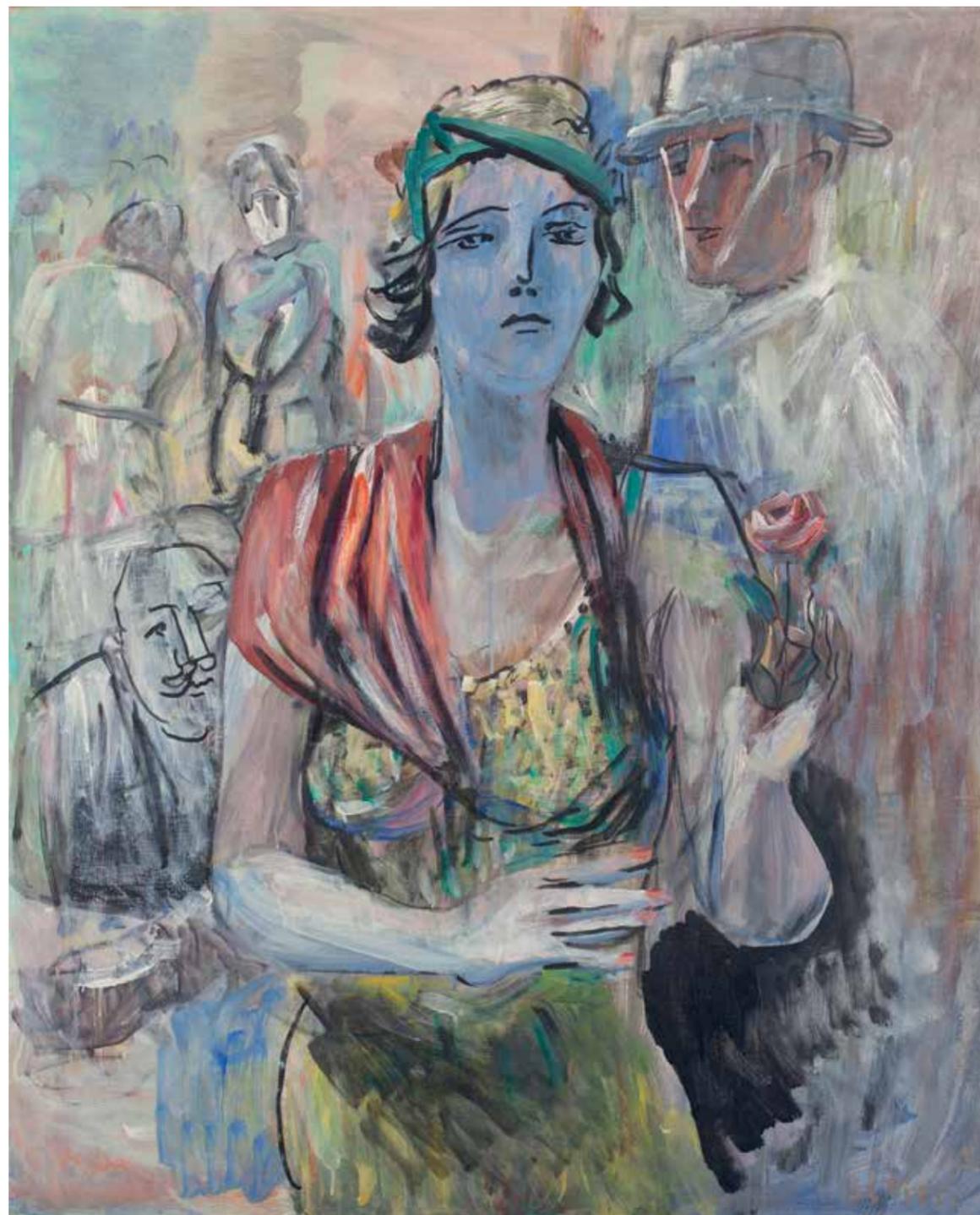
Casal, 1942 • óleo sobre tela • 109,7 x 90,5 cm • Coleção particular Rio de Janeiro-RJ



Figura de mulher, 1943 • óleo sobre tela • 90 x 108,5 cm • Coleção particular - Rio de Janeiro-RJ



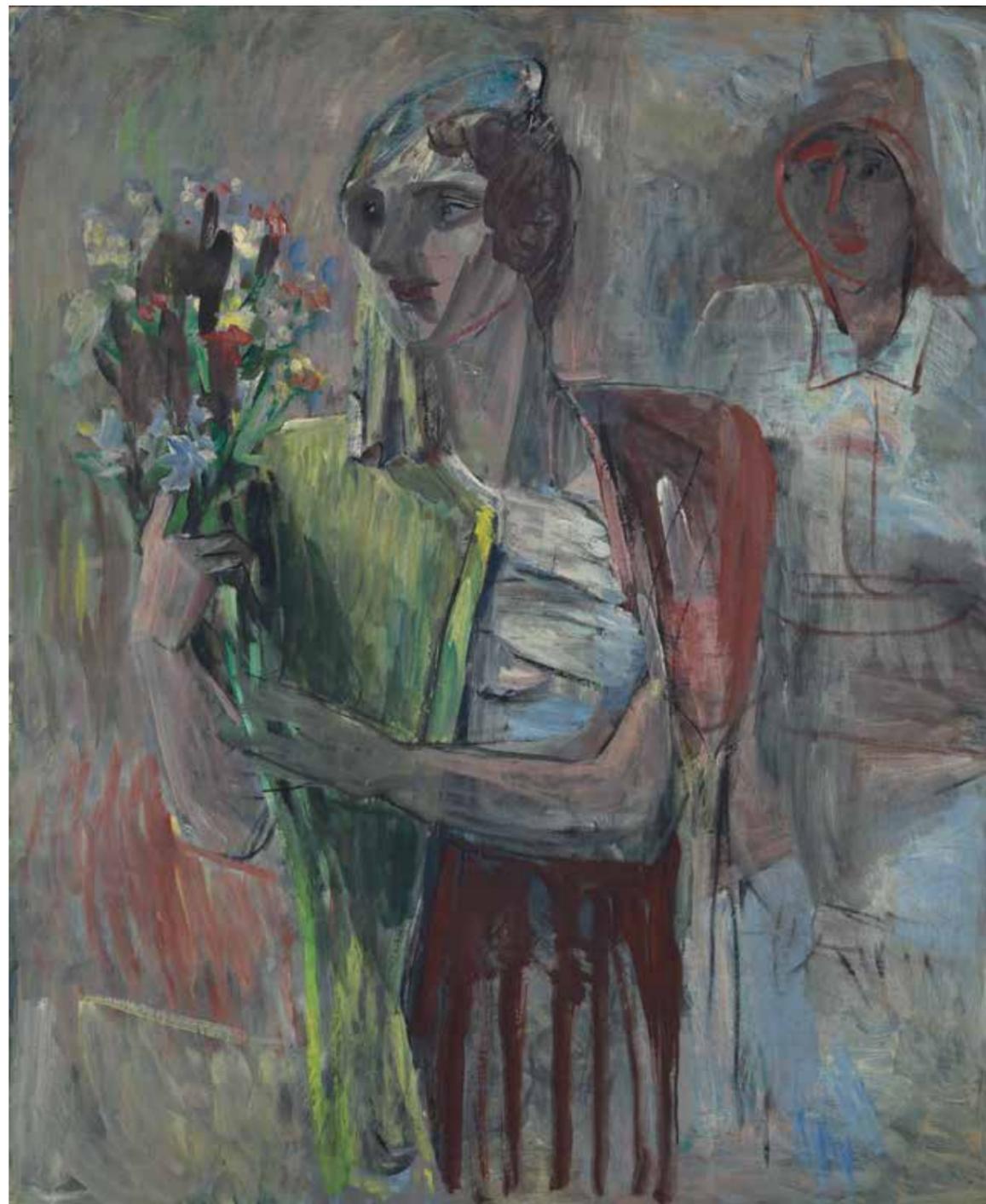
Retrato de mulher, 1943 • óleo sobre tela • 58 x 40 cm • Coleção Hecilda e Sérgio Fadel - Rio de Janeiro-RJ



Cena de bar, 1943 • óleo sobre tela • 100 x 82 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Sem título, s/d • aquarela sobre papel • 46 x 29 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Patroa e empregada, s/d • óleo sobre tela • 110 x 90 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Duas mulheres
conversando em interior, s/d
Óleo sobre tela
89 x 108 cm
Coleção particular - São Paulo-SP

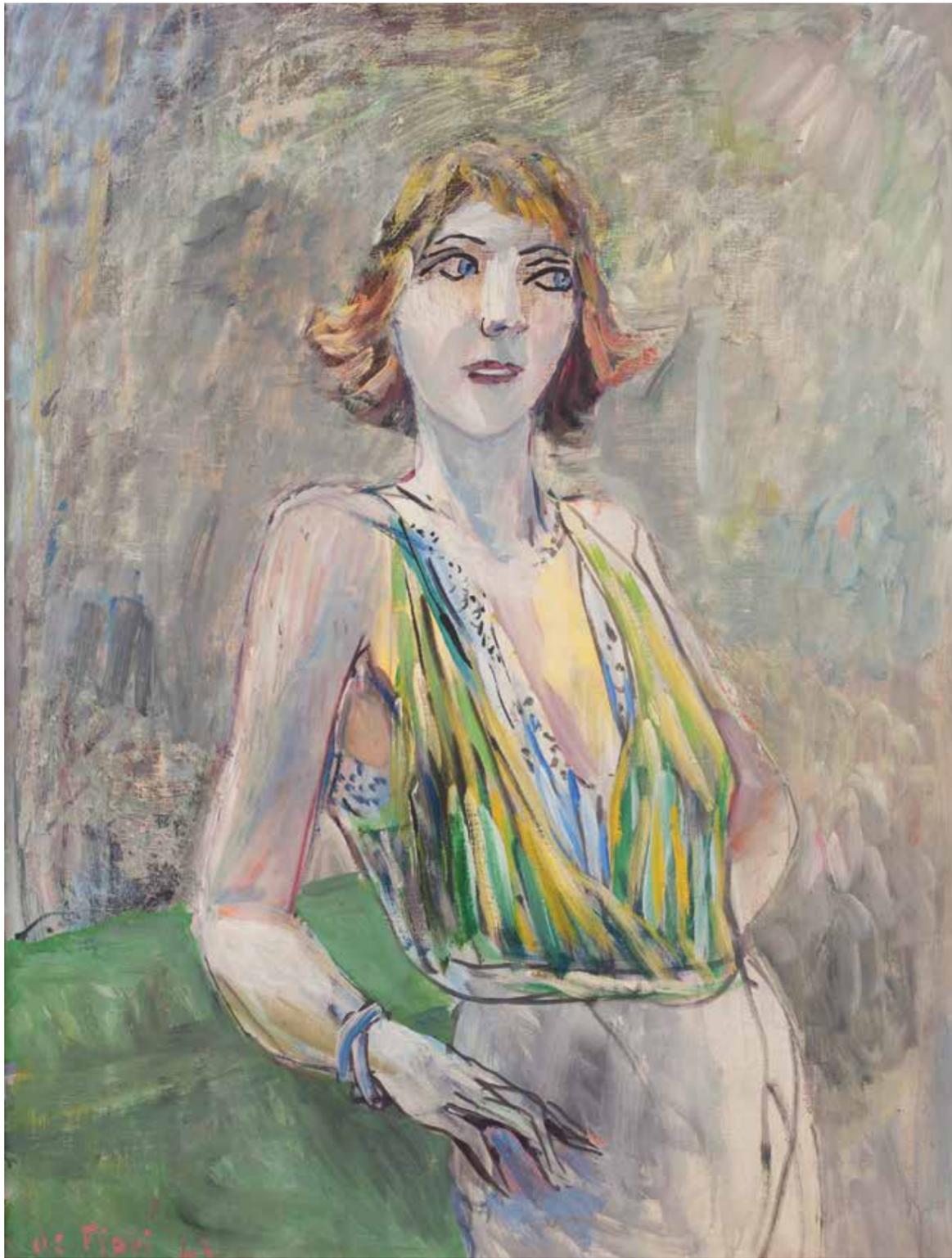


Figura de mulher, 1943 • óleo sobre tela • 100 x 75,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP



Casal com menino, 1942 • óleo sobre tela • 119,4 x 99 cm • Coleção particular - São Paulo-SP

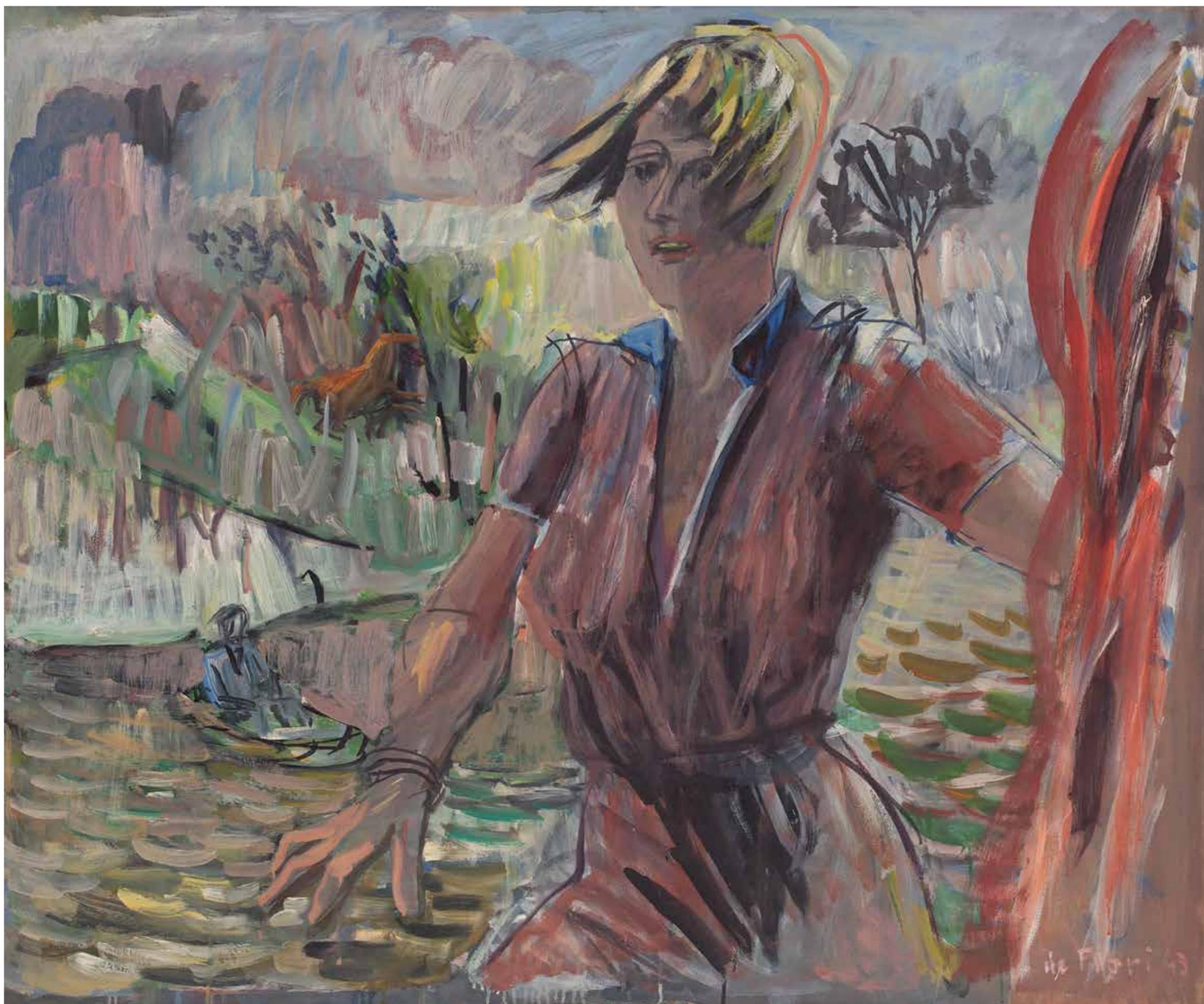


Figura de mulher, 1943 • óleo sobre tela • 90 x 109,5 cm • Coleção particular - São Paulo-SP

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

A 12 de dezembro, nasce em Roma, Ernesto de Fiori. Segundo filho do casal Maria Unger (1857- c. 1941) e Roberto de Fiori (1854-1933). Seu pai trabalha como jornalista no diário Neue Freie Presse.

Em 1904, deixa a Itália e segue para a Alemanha. Em março, é aceito na Akademie der bildenden Künste (Academia de Artes Plásticas), de Munique, na classe de desenho de Gabriel von Hackl. Retorna a Roma no ano seguinte.

1905 - Em Roma, conhece o suíço Hermann Haller e o alemão Karl Hofer. Com eles manterá um diálogo artístico por muitos anos, reencontrando-os em diferentes cidades. Conhece Otto Greiner, pintor e litógrafo alemão.

Deixa Roma e segue para Londres. Seus amigos Haller e Hofer também deixam Roma para se instalarem em Paris.



Mural, c. 1908-09. Obra exposta na Internationale Kunstschau, Viena, 1909

Viaja para Munique para divulgar suas pinturas. Lá conhece o escritor e colecionador Karl Sternheim e sua esposa Thea que irão apoiá-lo por muitos anos. Retorna a Londres. Participa da Internationale Kunstschau (Mostra Internacional de Arte), em Viena, com a pintura *Mural*, obra com influência do suíço Ferdinand Hodler.

Retorna a Munique. É recebido na casa dos Sternheim, onde permanece para organizar sua exposição de pinturas na cidade. Conhece o colecionador Alfred Flechtheim, seu futuro marchand. Viaja novamente para Londres e casa-se com Jessie Fistrick. Quatro meses depois, já separado, deixa a Inglaterra e segue para Munique, hospedando-se com os Sternheim.

1884

1904-06

1908

1909

1910



Klaus Sternheim, década de 1910
Guache sobre tela
41 x 35 cm
Acervo Sprengel Museum Hannover



Paisagem (Roma), c. 1908
Óleo sobre tela
29,4 x 39,6 cm
Coleção Particular Ornella Psillakis



Thea Sternheim, em seu quarto, junto a uma pintura de Ernesto de Fiori, Villa Bellemaison, Munique, 1910



Ernesto de Fiori e Carl Sternheim, Munique, 1911. Foto: Thea Sternheim



Retrato de Ernesto de Fiori, década 1910

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Permanece por pouco tempo em Munique e muda-se para Paris, em março. Prossegue com suas pinturas e, pouco tempo depois, começa a realizar esculturas usando a técnica da modelagem, aprendida com seu amigo Haller. Datam desse período as suas primeiras esculturas conhecidas: *Kauernde* (Ajoelhada), *Schreitendes Mädchen* (Moça andando) e *Jüngling* (Juventude). Expõe a pintura a óleo *Cabaret*, em mostra coletiva, em Colônia.

1912 Em Paris, frequenta o chamado "círculo alemão" de Matisse junto a artistas, colecionadores e historiadores como: Marie Laurencin, Hans Purrmann, Rudolf Levy, Oskar e Margarete Moll. Conhece o pintor alemão Hugo Troendle e o escultor italiano Arturo Martini. Em Munique, a Galeria Neue Kunst – Hans Goltz organiza exposição coletiva com trabalhos do grupo *Der Blaue Reiter* (O cavaleiro azul), incluindo obras de De Fiori. O marchand Hans Goltz, negocia obras do artista. Na histórica exposição Internationale Ausstellung des Sonderbundes, em Colônia, mostra que reúne os principais artistas modernos do período, De Fiori apresenta esculturas na "Sala Picasso" e uma pintura na sala dos pintores franceses.

Participa do 30º Salon des Indépendants de Paris, da exposição Der Dôme, em Düsseldorf e de outras coletivas na Alemanha. Modela o nu masculino *Jüngling* (Juventude). Eclode a I Guerra Mundial. Em dezembro, o artista chega a Berlim e decide alistar-se.

Engaja-se na guerra como correspondente de um periódico italiano. Obtém a cidadania alemã.

1916 Continua na guerra. A escultura *Jüngling* (Jovem), e as pinturas *Promenade* (Passeio) e *Reiter* (Cavaleiro) são incluídas na Zweite Ausstellung der Freien Sezession (Segunda Exposição da Secessão Livre), em Berlim.

1917 Abandona a guerra e vai para a Suíça que se mantivera neutra. Em 14 de agosto chega a Zurique, onde encontra seu pai que já estava na Suíça desde o ano anterior. Reencontra o escultor Haller e o pintor Hoffer.

1911

1912-13

1914

1915

1916-17



Jüngling (Juventude), 1911
Bronze
184 cm altura
Acervo Kunsthalle Mannheim

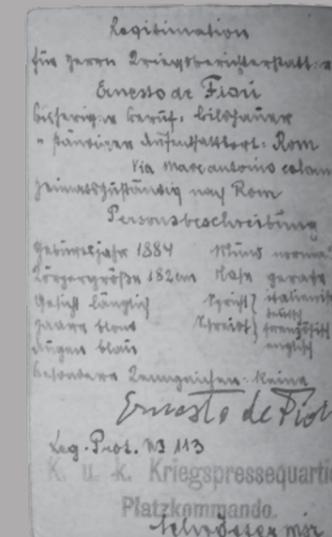
1913 Continua residindo em Paris. Algumas de suas esculturas são incluídas em coletivas na Alemanha, entre as quais a de primavera e a de outono da Berliner Sezession, Berlim; na II exposição geral da Galeria Neue Kunst - Hans Goltz, Munique e na exposição de natal da Galeria Flechtheim, Düsseldorf. Flechtheim torna-se marchand e passa a negociar pinturas e esculturas de De Fiori. O irmão do artista, o médico Mário de Fiori, deixa a Itália e fixa residência no Brasil.



Jüngling (Juventude), 1914
Bronze
111 cm altura
Coleção Particular Alemanha



Documento de Ernesto de Fiori como correspondente da Primeira Guerra Mundial, 1915



Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Frequenta um círculo de artistas suíços com Haller, Hermann Hubacher, Fritz Huf e o casal Paul Cassirer e Tilla Durieux. Escreve o artigo "Von Neuer Kunst" (Da Nova Arte) publicado em jornal de Zurique, no qual critica os dadaístas. A matéria não tem boa ressonância junto aos colegas artistas.

Participa de coletiva realizada em Berna, Suíça, junto a Haller, Hofer, Hubacher, Lehbruck, Hodler e Ernst Morgenthaler. Alfred Flechtheim reabre sua galeria em Düsseldorf, fechada durante a guerra, e inclui obras do artista na mostra inaugural. Pinta *Liebespaar* (Amantes) e *Winterlandschaft* (Paisagem de inverno). Em Zurique conhece a escultora Marta Junghann. Escreve o artigo "Wie eine Statue entseht" (Como se ergue uma estátua), publicado em jornal, explicando seu processo de criação.

Passa a viver com Marta de Fiori (Junghann) em Berlim. Ewald Bender publica o artigo "Der Bildhauer De Fiori" (O Escultor De Fiori) na revista *Zeitschrift für bildende Kunst*, de Leipzig. O crítico de arte Karl Sreffer publica outro artigo sobre o artista na revista *Kunst und Künstler*. Otto Flake publica seu livro *Nein und Ja* (Não e Sim): um romance que trata do dadaísmo em Zurique, no qual De Fiori é o personagem Arigo, um escultor que se opõe ao movimento dadaísta.

De Fiori e os escultores Haller e Huf alugam um ateliê em Berlim. Realiza exposição individual de esculturas na Galeria Fritz Gurlitt e participa de coletivas na cidade, entre as quais a da *Freie Sezession* (Secessão Livre), com esculturas e desenhos. Flechtheim abre filial de sua galeria em Berlim e passa a representar De Fiori com exclusividade.

Por volta de 1916, o pai do artista compra terras em Herrsching, Ammersee. O arquiteto Roderich Fich constrói para Ernesto de Fiori uma casa-ateliê no local.

Participa da exposição na Galeria Flechtheim, Berlim, *Das Schwedische Ballet* (O Balé da Suécia), com desenhos sobre o tema e o busto da dançarina Carina Ari, um dos seus primeiros retratos em escultura. Trabalhos do artista participam de mostras coletivas em Darmstadt e Düsseldorf.

1918

1919

1920

1921

1922



Liebespaar (Amantes), 1919
Óleo sobre tela
Paradeiro desconhecido



Primeira página do artigo "Der Bildhauer De Fiori" (O Escultor De Fiori), publicado em *Zeitschrift für bildende Kunst* (Revista de Artes Visuais), Leipzig, 1920.



Größe Berliner Kunstausstellung (Grande Exposição de Arte de Berlim) - Vista do Salão da Freien Sezession (Secessão Livre) com a obra *Schreitenden* (Passos Largos), 1921



Villa De Fiori em Herrsching, Ammersee, 1921-22

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Separa-se de Marta Junghann. A escultora deixa Berlim e vai para a casa-ateliê de Herrsching e continua assinando como Marta de Fiori Junghann até 1931. Modela nus femininos com sapatos de saltos altos como *Engländerin* (Inglesa) e *Amerikanerin* (Americana). Participa de coletivas em Munique e em Stuttgart, Alemanha. A revista *Der Querschnitt* anuncia a venda de litografias de *Boxer* (Boxeador).

A exposição de outono da Preussische Akademie der Künste (Academia Prussiana das Artes), Berlim, apresenta dezoito trabalhos de Ernesto de Fiori. Participa de outras exposições coletivas na Alemanha e uma em Zurique, Suíça. Publica vários artigos em periódicos, entre os quais: "Architektur und Plastik" (Arquitetura e Escultura) e "Ein Interview mit Fritz Stahl" (Uma entrevista com Fritz Stahl). No jornal *Berliner Börsen-Courier* é publicada a entrevista Ernesto de Fiori über die Tugenden. Ein Gespräch (Ernesto de Fiori sobre as virtudes. Uma conversa).

1926 Expõe na Mostra d'Arte del Novecento Italiano, em Milão. A revista *Kunstarchiv* de Berlim lança um número sobre De Fiori, apresentando a maior parte de suas esculturas e textos escritos por von Alten, Guillemin, Szitty, v. Wedderkop. A publicação inclui um artigo do próprio De Fiori. Carl Einstein publica o livro *Die Kunst des 20. Jahrhunderts* (A Arte do século XX), no qual critica De Fiori. O texto causou irritação ao artista, que teve violenta discussão com o crítico. Casa-se com a atriz Barbara Diu (Alexandra Mironowa). **1926/27** Hans Cürli realiza a segunda parte de seu filme *Schaffende Hände* (Mãos criadoras), com os escultores Lederer, Kolbe, Belling, Steger, Sintenis, Hitzberger e De Fiori.

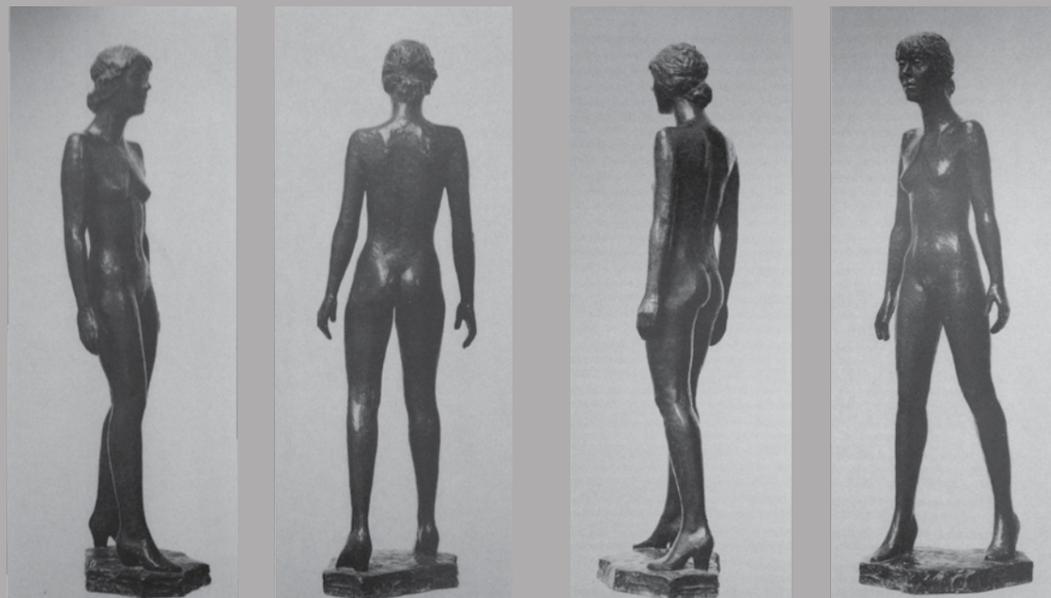
1927 Reside em Berlim. A coleção *Arte Moderna Italiana*, Milão, publica o texto de Emilio Szitty sobre De Fiori com catalogação das esculturas. Participa de várias coletivas em Berlim, Dresden e Hamburgo. Pinta algumas telas tendo Barbara como modelo, pinturas que hoje pertencem ao Georg-Kolbe-Museum de Berlim. Na Secessão de Berlim, dedicada aos esportes, De Fiori apresenta a escultura *Boxer* (Boxeador) e duas litografias, *Auf halbe Distanz* (A meia distância) é uma delas. Escreve um artigo intitulado "Plastik" (Escultura).

1924

1925

1926

1927



Die Engländerin (A Inglesa), 1923/24
Bronze
137 cm altura
Coleção Georg-Kolbe-Museum



Barbara de Fiori em Berlim, 1930



Frame do filme *Schaffende Hände* (Mãos criadoras)



Retrato de Ernesto de Fiori, 1927

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Modela esculturas do pugilista Max Schmeling e realiza desenhos com boxeadores. Participa de uma mostra em Amsterdam e de exposições coletivas na Alemanha. Escreve os artigos "Ich modelliere Hindenburg" (Eu modelo Hindenburg) e "Boxer und Sänger" (Boxeador e Cantor).



Ateliê de Ernesto de Fiori em Berlim, 1929-30

Na maior parte das exposições das quais participa, é apresentado o busto do Presidente Hindenburg, realizado no ano anterior. Na 58ª Berliner Sezession expõe a pintura *Die Mannequins* (Os manequins).

A cidade de Berlim compra a escultura *Jüngling* (Juventude), de 1926/27, que é assentada na Rudolf Wilde-Park. Durante o regime nazista, por volta de 1940, a escultura é derretida. Expõe na 62ª Berliner Sezession a pintura *Zirkus* (Circo). Participa de outras coletivas em Berlim, Hannover, Munique e Stuttgart. A revista *Die Dame* publica artigo "Berliner Künstler in Ihren Ateliers" (Artistas berlinenses em seus ateliês), destacando os pintores Rudolf Großmann, Hans Meid, Emil Orlik, Willy Jaeckel e Max Pechstein, e os escultores Fritz Klimsch e Ernesto de Fiori.



Exposição Große Berliner Kunstausstellung (Grande Exposição de Arte de Berlim). Em primeiro plano a obra *Gehenden Mann* (Homem andando), 1931

Durante a estada de Marlene Dietrich em Berlim, De Fiori modela dois bustos da atriz. Participa de várias coletivas na Alemanha, além de ter obras incluídas na mostra *German Painting and Sculpture*, Nova Iorque. O artigo intitulado "Sculptura" (Escultura), de Ernesto de Fiori, é publicado na revista italiana *Fronte*.

1928



Boxeador Max Schmeling, c. 1928
Bronze
54,7 x 20 x 27 cm
Coleção Ornella Psillakis - São Paulo-SP

1929



Die Mannequins (Os Manequins), 1927
Óleo sobre tela

1930



Retrato de Barbara Diu Sentada, década 1930
Óleo sobre cartão
61 x 50 cm
Acervo Georg-Kolbe-Museum

1931



Ernesto de Fiori modelando o busto de Marlene Dietrich, 1931

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Flechtheim inaugura a exposição *111 Porträts zeitgenössischer Bildhauer* (111 Retratos de Escultores Contemporâneos), com obras de Archipenko, Barlach, Degas, Despiau, Lehmbruck, Maillol, Matisse, Renée Sintenis e De Fiori. A capa do catálogo dessa exposição em Berlim reproduz um dos bustos de Marlene Dietrich, realizado pelo artista. Participa também da exposição *Nyere Tysk Kunst* (A Mais Recente Arte Alemã) com a obra *Knienden* (Ajoelhada), na Escandinávia.

1933 Hitler assume o poder e começam as interferências do governo na vida cultural da Alemanha. A Kunstgewerbeschule (Escola de Artes e Ofícios) é embargada pela Gestapo assim como todas as salas-ateliê onde De Fiori trabalhava. O marchand Flechtheim deixa a Alemanha. Seu ajudante da galeria de Berlim, Curt Valentin, passa a trabalhar na livraria Buchholz, na qual é aberto um espaço para exposições. Em abril é publicado em jornal de Berlim o irônico artigo de De Fiori: "Wie können wir Künstler der Regierung helfen?" (Como nós, artistas, podemos ajudar o regime?).

1934 De Fiori viaja para Roma, onde realiza dois bustos de Adriana del Giudice. Na Alemanha, integra a comissão de trabalhos da Berliner Sezession sob o título *Zusammenschluß 1934* (União 1934).



Escultura em bronze para o túmulo de Grambal Merk, em Waldfriedhof, Darmstadt, 1935

Realiza individual de esculturas e desenhos na Galeria Buchholz, Berlim, na qual expõe as obras: *Fliehender* (Fugitivo) e *Fliehende* (Fugitiva). Participa de diversas exposições coletivas na Alemanha.

Na Alemanha, participa de coletiva na Galeria Buchholz e tem uma escultura apresentada na exposição da Olimpíada, organizada em Berlim. Deixa seu ateliê montado e viaja para Hamburgo, de onde embarca para o Brasil, a bordo do navio Antônio Delfino. A escolha decorre do fato de sua mãe e de seu irmão mais velho já viverem em São Paulo. Chega ao porto de Santos em agosto e hospeda-se na casa de seu irmão Mario. Viaja para Presidente Prudente com familiares e recém-conhecidos. De lá, segue em excursão pelo rio Paraná.

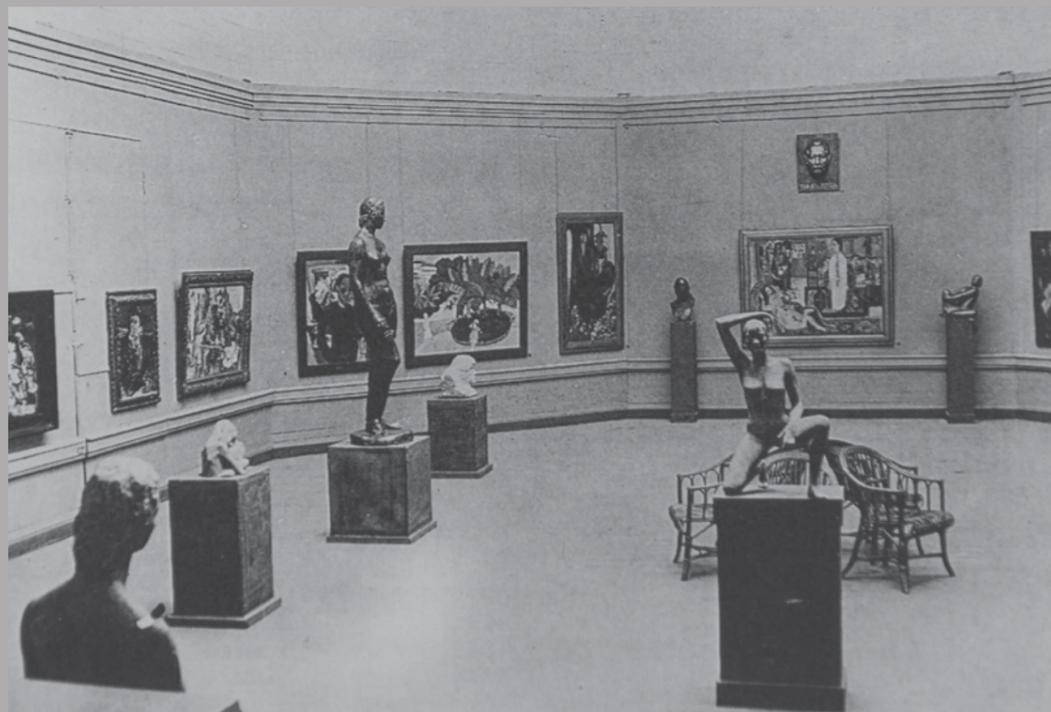
Modela uma série de retratos de seus familiares: Sérgio de Fiori, Mario de Fiori, Giuliana Heins, e dos novos amigos: a consulesa Castruccio, a Sra. Consuelo Kealman e Menotti del Picchia. Em dezembro, abre sua primeira exposição individual em São Paulo, na Galeria Guataparã, onde expõe cerca de 30 trabalhos, entre esculturas, desenhos e pinturas. Registra sua viagem para o Brasil no artigo "Die lange Fahrt" (A longa viagem), publicado no jornal alemão *Deutsche Allgemeine Zeitung*.

1932

1933-34

1935

1936



Vista da Exposição *Nyere Tysk Kunst* (A mais recente arte alemã). À direita, a obra *Knienden* (Ajoelhada), Escandinávia, 1932



Fliehender (fugitivo), 1934
Bronze
100 cm altura
Coleção Museus Nacionais de Berlim - Patrimônio Cultural Prussiano - Galeria Nacional



Exposição Ernesto de Fiori na Galeria Guataparã, São Paulo, 1936-37

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Na Alemanha, trabalhos do artista são confiscados dos museus de Berlim, Dresden, Erfurt, Gelsenkirchen, Leipzig e Mannheim. Várias dessas esculturas foram devolvidas ainda durante o III Reich. Em São Paulo, conhece o artista Paulo Rossi Osir, e realiza alguns azulejos para a Osirarte. De Fiori é apresentado à sociedade de São Paulo por Carlos Pinto Alves. Na ocasião, o artista profere a palestra "Como se faz uma escultura". Em julho, viaja para o Rio de Janeiro. Modela o busto do interventor Henrique Dodsworth, do ministro Rodrigo Octavio, e de algumas pessoas da sociedade do Rio de Janeiro. Com essas obras e outras esculturas, o galerista Theodor Heuberger organiza uma exposição individual na Nova Galeria de Arte.



Artigos de A Nação, Rio de Janeiro, 22 de agosto, e L'Italiano, Rio de Janeiro, 19 agosto 1937

Convidado a participar do Programa de Integração das Artes do Ministério da Educação e Saúde (MES), De Fiori vai para o Rio de Janeiro. Modela várias esculturas para o MES dentre elas *O Brasileiro*, *Homem sentado* e *Mulher reclinada*, que, entretanto, não são aceitas. Retorna a São Paulo com algumas dessas modelagens, deixando outras em galpões do Ministério. Em São Paulo, participa do II Salão de Maio, com duas esculturas. Neste ano realiza algumas pinturas sobre as regatas na Represa de Santo Amaro.

A revista Domus, de Milão, publica uma nota sobre De Fiori na qual reproduz três de suas pinturas feitas no Brasil, entre elas *Regata na Tempestade*. Em São Paulo participa do II Salão da Família Artística Paulista, na seção "desenhos, guaches e aquarelas", e do III Salão de Maio com esculturas, entre elas *O Brasileiro*. Realiza sua segunda mostra individual em São Paulo, na Galeria Casa e Jardim, expondo esculturas e um grande número de pinturas. A revista alemã Die Kunst für Alle publica o artigo "Von guter und schlechter Kunst" (Da boa e da má arte), escrito por De Fiori em 1938. No ano seguinte, com algumas alterações, ele é publicado no jornal *O Estado de São Paulo* sob o título "Do bom e do mau gosto". Neste texto, o artista define sua concepção de pintura e sua maneira de criar. Muda-se para uma casa cedida por Francisco Matarazzo Sobrinho. Escreve um artigo sobre o III Salão de Maio, publicado no jornal Deutsche Zeitung.

1937

Em São Paulo, participa do I Salão de Maio e da primeira exposição coletiva da Família Artística Paulista. Mantém correspondência com amigos que vivem nos Estados Unidos, entre eles o marchand Curt Valentin, da Galeria Buchholz e cogita mudar-se para Nova Iorque. Escreve os artigos "O mundo brasileiro" e "A cultura europeia no Brasil", ambos publicados no jornal da colônia alemã da cidade, Deutsche Zeitung. Também publica no jornal Fanfulla os artigos "Chiacchiere Sull'Arte" (Conversa sobre Arte), sobre pintura, e "L'Era Nuova" (A Nova Era), sobre escultura.



Ernesto de Fiori, 1937



Exposição Ernesto de Fiori na Galeria Theodor Heuberger, Rio de Janeiro, 1937

1938



Exposição do Projeto para o Ministério da Educação e Saúde, Rio de Janeiro, 1939

1939



Exposição De Ernesto de Fiori na Galeria Casa e Jardim, São Paulo, 1939

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

1940 Participa de encontros com os artistas Giuliana e Bruno Giorgi, Alfredo Volpi, Mário Zanini, Gerda Brentani, Sérgio Milliet, entre outros, no ateliê de Rossi Osir. Participa do III Salão da Família Artística Paulista, apresentado no Palace Hotel, Rio de Janeiro. A revista Ilustração Brasileira publica artigo sobre as esculturas do artista e reproduz alguns bustos. Escreve para o jornal O Estado de São Paulo um artigo sobre as pinturas da exposição francesa que estava na cidade. Neste ano realiza a pintura *Duas Mulheres em interior*.

1941 Realiza exposição individual na Galeria Casa e Jardim, São Paulo, incluindo esculturas, pinturas, guaches e desenhos. Sobre esta mostra escrevem elogiosamente Sérgio Milliet e Mário de Andrade. O Diário da Noite publica um artigo dando ênfase aos trabalhos *São Jorge e o Dragão* e *Batalhas*. Em abril, De Fiori elucida o significado desses temas na sua obra, no artigo "Entrevista comigo mesmo", publicado no jornal *O Estado de São Paulo*. Participa do I Salão de Arte, da II Feira Nacional das Indústrias, São Paulo. No final deste ano, dois outros artigos do artista são publicados: "A Pesquisa na Arte", sobre pintura, e "Os Monumentos", sobre escultura. Em ambos, o artista reitera suas ideias artísticas.

No Brasil, velejar é a principal ocupação esportiva do artista. Filia-se ao Yacht Club Itaipu e posteriormente ao Yacht Club Paulista, pelo qual concorre a regatas. Participa do VII Salão dos Artistas Plásticos, Galeria Prestes Maia, São Paulo. Pinta a tela que posteriormente ficou conhecida, equivocadamente, como *Saudação a Hitler*, na qual, na realidade, ele expressa sua aversão à Alemanha Hitlerista. Escreve dois artigos de cunho político, contra Hitler: "Tomada de Posição" e "Parademarsch", ambos publicados no jornal O Estado de São Paulo.

Ganha diversas competições pelo Yacht Club Paulista. Realiza o relevo para a Capela Funerária da Família Matarazzo. Pinta as telas *Náufragos* e *Visitantes*. São deste período a maior parte de suas pinturas de figuras femininas e cenas festivas.

1940

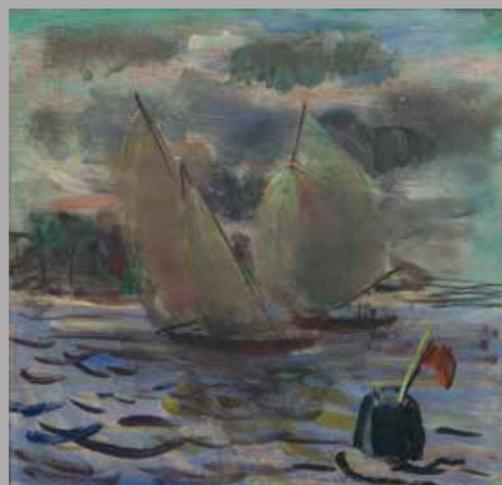
1941

1942

1943



Duas mulheres em interior, 1940
Óleo sobre tela
120 x 100 cm
Coleção particular - Rio de Janeiro-RJ



Sem título, s/d
Óleo sobre madeira
48 x 48 cm
Acervo Fundação Edson Queiroz - Fortaleza-CE



Residência de Ernesto de Fiori no Brasil, 1942



Visitantes, 1943
Óleo sobre tela
134 x 178 cm

Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

Viaja para Santa Catarina, representando a Federação Paulista de Vela e Motor como capitão de equipe; recebe as taças Anita e Santa Catarina. Realiza exposição individual no salão do prédio Itá, São Paulo. Participa com duas pinturas da Exposição de Pintura Moderna Brasileiro-Norte-Americana, e do IX Salão do Sindicato dos Artistas Plásticos.

Modela seu último *Autorretrato*. Morre a 24 de abril. É enterrado no túmulo da família, no cemitério do Redentor, São Paulo.

Homenagens Póstumas

1946 O XII Salão Paulista de Belas-Artes homenageia De Fiori, incluindo, na exposição, alguns dos seus trabalhos.

1947 Artigo de Luís Washington transcrevendo parte da biografia escrita por Gerda Brentani. Artigo de Pietro Maria Bardi: "Ernesto de Fiori Escultor Humano".

1948 Menotti del Picchia doa ao MASP o seu retrato modelado por De Fiori.

1950 Sala Ernesto de Fiori na XXV Bienal de Veneza. Quirino da Silva escreve sobre a Bienal. A Revista Habitat registra o evento.

Bardi publica na Itália livro sobre as esculturas de De Fiori, na coleção Arte Moderna Italiana, nº 9.

1950-52 Wolfgang Pfeiffer escreve monografia sobre De Fiori. Apesar de anunciado pela revista Habitat, o livro não foi publicado.

Entre outubro e novembro, é organizada uma exposição em homenagem ao artista, no Instituto dos Arquitetos de São Paulo. Durante o evento, realizam conferências: Luís Martins, Sérgio Milliet e Lourival Gomes Machado. A palestra de Lourival, que trata da escultura do artista, é publicada em uma série de quatro artigos; as de Martins e Milliet tratam da pintura e são publicadas sob os títulos, respectivamente: "Pintura de Ernesto de Fiori" e "Ernesto de Fiori e o Derivativo da Pintura".

1944

1945

1945

1946-52



Autorretrato
Bronze
36 x 18 x 24,7 cm



Anúncio da monografia sobre Ernesto de Fiori e com reprodução do busto de Gustav Lindemann, 1927 e Adam, 1929. Texto Wolfgang Pfeiffer e prefácio de Quirino da Silva, década de 1950



Ernesto de Fiori

CRONOLOGIA

1954 O Museu de Arte de São Paulo realiza exposição em homenagem a De Fiori.

1959-60 O Museu de Arte Moderna de São Paulo realiza exposição em homenagem ao artista em 1959; A Revista Habitat publica artigo sobre as esculturas de De Fiori em 1960.

1961 Exposição na Galeria São Luiz, São Paulo.

1965 Por ocasião do 20º aniversário da morte do artista, Paulo Mendes de Almeida e Quirino da Silva publicam artigos em sua homenagem.

1969 Ernesto Mazza publica o artigo Lembrança de Ernesto de Fiori.

1974 Exposição na Galeria Cosme Velho, São Paulo.

1975 Retrospectiva do Artista no Museu de Arte Contemporânea da Universidade de São Paulo, organizada por Walter Zanini.

1985 O Museu de Arte de São Paulo expõe obras do artista de seu acervo.

Homenagens Póstumas

1997 A Pinacoteca do Estado de São Paulo (Projeto Pinacoteca no Parque) realiza a exposição *Ernesto de Fiori Uma Retrospectiva*, com curadoria de Mayra Laudana, acompanhado de publicação com mesmo título.

2003 Mayra Laudana publica o livro Ernesto de Fiori pela coleção Artistas Brasileiros da editora Edusp.

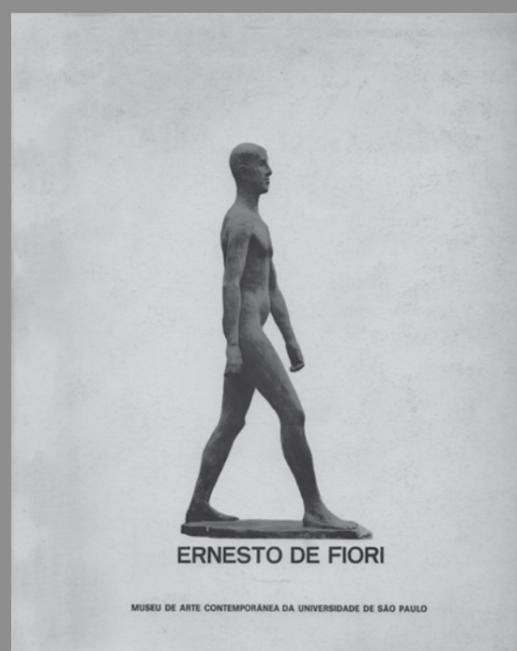
Exposição retrospectiva no Georg-Kolbe-Museum, Berlim, Alemanha, organizada pela curadora Beatrice Viernseil, acompanhado de publicação.

1954-60

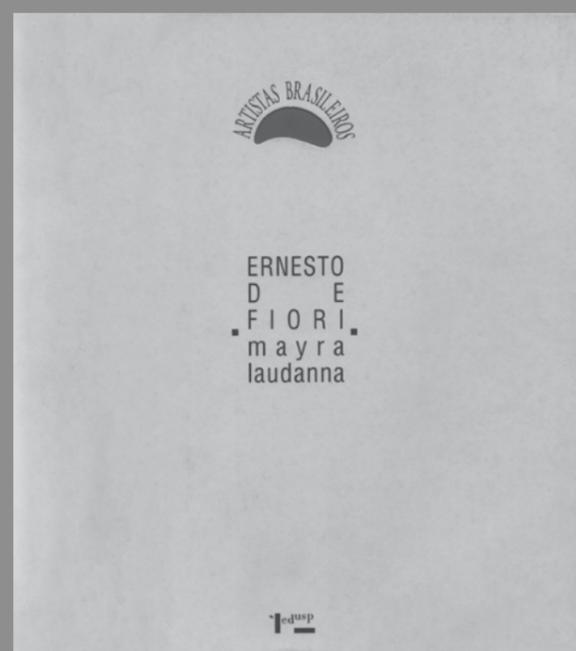
1965-85

1992

1997-2003



Catálogo da Retrospectiva do Artista no MAC-USP, organizada por Walter Zanini, 1975



Livro Ernesto de Fiori por Mayra Laudana, Edusp, 2003



Imagem: Vista da retrospectiva de Ernesto de Fiori, Georg-Kolbe-Museum, 1992.

Esta cronologia foi elaborada a partir das publicações de Mayra Laudana e Beatrice Viernseil.

Ernesto de Fiori

Realização

Galeria de Arte Almeida e Dale

Curadoria

Denise Mattar

Projeto expográfico e iluminação

Guilherme Isnard

Design gráfico

Kaminari Comunicação

Produção executiva

Monica Tachotte

Assistente de curadoria

Rachel Vallego

Assistente de produção

Ricardo Oliveira

Equipe

Eunice Maria Jesus

Maria do Socorro dos Santos Macedo

Miriam Cristina Vieira Lemes

Museologia

Luciana Colombo

Sérgio Pizoli

MAB-FAAP

Graciele Siqueira

Assessoria de imprensa

A4 & Holofote Comunicação

Montagem

Zurc Produções

Carlos Rodrigues - Lula

Edvaldo Fernandes - Magrão

Fotografias

Sergio Guerini

Jaime Acioli

Celso Oliveira

Fernando Silveira - FAAP

Romulo Fialdini

Versão para inglês

Mônica Mills

Digitalização

Natália Tonda

Edição de vídeo

F for Felix

Transporte

Millenium

Seguro

Foco Arte - Allianz

Agradecimentos

Afonso Hennel

Airton Queiroz

Alexandre Santos Silva

Antônio Bias Bueno Guillon

Bia e Sylvio Salomão

Breno Krasilchik

Celita Procopio de Carvalho

Claudia Caroli

Claudia Mickenhagen

Cristina Sá

Elisa Mattos

Emílio Odebrechet

Fernanda Celidonio

Fundação Edson Queiroz

Gérard Loeb

Hecilda e Sergio Fadel

Jones Bergamin

José Luis Hernández Alfonso

Ladi Biezus

Laura do Rego Macedo

Laura Rodriguez

Leila Martinusso

Luciano Momesso

Luís Antônio de Almeida Braga

Luís Paulo Montenegro

Marcio Gobbi

Maria Cristina de Almeida Araújo

Marina Melsohn Lisbona

Marta Fadel

Martin Wurzmann

Museu de Arte Brasileira - MAB-FAAP

Natasha RB

Orandi Momesso

Ornella Psillakis

Paulo Darzé

Paulo Kuczynski

Randal Pompeu

Reynaldo Abucham

Ricardo Trevisan

Rodolpho Ortemblad Filho

Sérgio Romagnolo

Thiago Braga Martins